



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SOCIOECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

NATÁLIA LIMBERGER DOS SANTOS VIEIRA

A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NO MOVIMENTO DO OWS

FLORIANÓPOLIS

2018

NATÁLIA LIMBERGER DOS SANTOS VIEIRA

A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NO MOVIMENTO DO OWS

Monografia submetida ao curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina, como exigência parcial para a obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.

Orientadora: Prof. Dra. Patricia Fonseca Ferreira Arienti.

FLORIANÓPOLIS

2018

NATÁLIA LIMBERGER DOS SANTOS VIEIRA

A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NO MOVIMENTO DO OWS

Monografia submetida ao curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina, como exigência parcial para a obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais. Avaliada em nota 9,5.

Florianópolis, 04 de julho de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Patricia Fonseca Ferreira Arienti.

Prof. Dr. Wolney Roberto Carvalho

Prof. Laura Mabel Lacaze

Dedico este trabalho a minha família que sempre esteve presente em minha graduação.

AGRADECIMENTOS

A minha família que sempre esteve presente em meus estudos e me auxiliou a estar aqui, e ter condições de dar continuidade aos estudos de maneira confortável e estável, mesmo estando a alguns quilômetros de distância.

A Universidade Federal de Santa Catarina que em meio a tantas adversidades político-econômicas e descumprimento de leis ao seu em torno, conseguiu e consegue promover um estudo de excelência aos seus alunos e professores.

A professora Patricia que foi a primeira professora que conheci no meu primeiro dia de aula e foi quem me acompanhou em grupos de estudos, eventos pela UFSC e o tão esperado TCC. Agradeço a sua paciência e compreensão em me ensinar a dar os primeiros passos na academia.

Agradeço as minhas amigas que sempre estiveram ao meu lado nesses anos de UFSC, tanto em festas, quanto em dias de prova, Emanuely, Luísa e Juliana (“manja” muito de TCC), vocês foram essenciais para a conclusão dessa etapa na minha vida. Além dos amigos que conquistei dentro e fora da UFSC, sem vocês para eu poder desabafar, as coisas não seriam iguais Cacau, Lila, Marcela e Víctor Augusto. Sem esquecer dos meus fiéis “cãopanheiros” Spot e Xuxu, que sempre estiveram comigo ao meu lado.

**Nunca deixe o medo de errar impedir que
você jogue (Albert Einstein).**

RESUMO

O presente trabalho visa estudar as manifestações sociais de 2011, focando no movimento *Occupy Wall Street*, ocorrido em Nova Iorque. O objetivo é analisar a influência que as redes sociais podem gerar nas Relações Internacionais. A partir disso, procura-se compreender como se desenvolveu o movimento *Occupy Wall Street* e quais foram as manifestações que o inspiraram para desenvolver suas fundamentações. A partir das teorias de Susan Strange e Manuel Castells, é possível corroborar como foi a influência das manifestações dentro do contexto interno de cada Estado, e como que as tecnologias auxiliaram na dinamização e consolidação dos movimentos. Ademais, é analisado, por meio de dados, provindos das redes sociais que eram utilizadas durante as manifestações da Primavera Árabe, o papel fundamental que as redes sociais possuíram na disseminação e fundamentação dos movimentos ocorridos na Tunísia e Egito. Por fim, analisa-se as principais características dos movimentos, pois eles possuem diversos pontos que convergem em suas atuações.

PALAVRAS-CHAVE: Movimentos sociais de 2011; Occupy Wall Street; Redes sociais nas RIs; Tecnologia nos movimentos sociais.

ABSTRACT

This study focuses on analyze the social manifestations of 2011, emphasizing on the Occupy Wall Street movement in New York. The main objective is to analyze the influence that social networks create in International Relations. So, we try to understand how the Occupy Wall Street movement developed and what were the manifestations that inspired it and its foundations. From the theories of Susan Strange and Manuel Castells, it is possible to corroborate how the manifestations were influenced within the internal context of each State, and how the technologies helped in the promotion and consolidation of movements. In addition, it is analyzed, through data from social networks that were used during the demonstrations of the Arab Spring, the fundamental role that social networks worked in the dissemination and foundation of the movements that happened in Tunisia and Egypt. Finally, the main characteristics of the movements are analyzed, because they have several points that converge in their performances.

KEYWORDS: Social movements in 2011; Occupy Wall Street; Social Networks in IRs; Technology in social movements.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - <i>Banner Occupy Wall Street</i>	34
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CMC	Comunicação global mediada por computador
EUA	Estados Unidos da América
ISIS	Estado Islâmico
ONU	Organização das Nações Unidas
OWS	Occupy Wall Street
PITPI	The Project on Information Technology and Political Islam

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	A INSERÇÃO DE NOVAS TECNOLOGIAS NA SOCIEDADE E A CONSTRUÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS DE 2011	16
2.1	Teoria de Susan Strange - a necessidade de mudanças nas análises do sistema internacional em função da inserção de novas tecnologias na sociedade	16
2.1.1	A estrutura de poder através do conhecimento	17
2.2	Teoria de Manuel Castells - a rede da <i>internet</i> conectando a rede mundial	19
2.3	A influência das novas tecnologias nos movimentos sociais de 2011 .	21
3	MOVIMENTO OCCUPY WALL STREET (OWS)	25
3.1	Os movimentos que motivaram o <i>Occupy Wall Street</i>	25
3.1.1	Manifestações na Tunísia: Revolução de Jasmim.....	25
3.1.2	Manifestações no Egito: Revolução Egípcia.....	27
3.1.3	Manifestações na Espanha: <i>15-M</i>	29
3.2	O movimento Occupy Wall Street.....	31
3.2.1	Início do movimento	31
3.2.2	Os principais objetivos do OWS	32
3.2.3	Como ocorreu o movimento	33
3.2.4	Posicionamento do governo estadunidense em relação ao movimento OWS	38
4	PAPEL DAS REDES SOCIAIS NOS MOVIMENTOS SOCIAIS DE 2011	42
4.1	Qual foi o papel das redes sociais nesses movimentos?	42
4.2	Quão fundamental foram as redes sociais em 2011	43
4.2.1	Análise dos movimentos sociais que ocorreram em 2011	46

CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS.....	53

1 INTRODUÇÃO

As redes sociais estão realizando a conformação de novas sociedades no sistema internacional. Como a autora Strange (1988) dialoga em sua teoria, as tecnologias estão influenciando na constituição de novas sociedades e, assim, a diminuição do papel do Estado está sendo resultado dessas ações. Por consequência, as pautas focam-se mais nas pessoas e não somente nas ações dos governamentais.

Fundamentando-se nas teorias de Susan Strange e Manuel Castells (que auxilia com a teoria da Revolução da Tecnologia da Informação), o presente estudo visa compreender como as redes sociais, por meio da tecnologia, estão influenciando a estrutura das Relações Internacionais. Objetivando verificar quais os eventos que foram reconhecidos como pertencentes a conjuntura do sistema internacional, e só foram reconhecidos através da divulgação pelas redes sociais.

Procura-se a compreensão dos principais movimentos que auxiliaram na inspiração do *Occupy Wall Street*, como o movimento social estruturou suas ações, e qual foi o posicionamento do governo estadunidense diante das manifestações. Além disso, como o movimento, ocorrido nos Estados Unidos, conseguiu divulgar ao mundo suas atuações, a ponto de conseguir apoio externo de manifestações que estavam ocorrendo em outros países.

Para ser possível a estruturação desse estudo, o mesmo foi embasado através de reportagens, teorias, *sites* dos movimentos e informações informais, pois há a dificuldade em encontrar informações que divulguem a complexidade dos eventos e como a sua repercussão foi preponderante para que ocorressem mudanças estruturais nos contextos internacionais.

Conseqüentemente, o propósito do trabalho é que haja a abertura de debate após a sua leitura: permeando a análise de assuntos que não são discutidos nas Relações Internacionais; fazendo com que o leitor pense além das relações estatais e foque nos acontecimentos internos dos Estados discutidos; e como as conseqüências das atuações desses Estados estão perpetuando mudanças ao cenário internacional.

No primeiro capítulo, visa-se a compreensão do assunto por meio das teorias de Strange e Castells. Os autores congregam a importância que a tecnologia está

possuindo em relação a uma nova conformação da sociedade. Castells (2000) afirma, que as sociedades estão se constituindo em redes. As redes auxiliam que as informações a percorrerem todos os aspectos da sociedade, através da Revolução da Tecnologia da Informação, assim todos possuem acesso as informações. Todavia, ainda há lacunas a serem preenchidas, pois há Estados que não dispõem de acesso à tecnologia, o que gera uma desigualdade social, e, por conseguinte, desigualdade ao acesso as informações.

Strange (1988) foi um dos principais autores a visualizar a necessidade da pauta para as atuações sociais e não o foco total nas ações estatais. A autora acredita que as pautas sociais interferem nas Relações Internacionais e corroboram para as novas conformações das estruturas das sociedades. Consequentemente, as agendas que antes permeavam o ambiente estatal se ampliam, favorecendo os indivíduos.

As teorias auxiliam na compreensão da conjuntura das redes sociais, pois ambas relatam a influência da tecnologia na estrutura social e como ela pode auxiliar no desenvolvimento de novas pautas a sociedade. Ocasionalmente, assim, a diminuição do poder estatal e modificando o seu cenário.

O segundo capítulo, embasa-se em como ocorreu o movimento *Occupy Wall Street*, suas principais inspirações e o posicionamento do governo estadunidense no desenrolar das manifestações. As principais manifestações que influenciaram a atuação do *Occupy*, segundo Castells (2012), foram: a Revolução Tunisiana, a Revolução Egípcia e o *15-M*.

As revoluções tunisiana e egípcia ocorreram em contextos similares, ambos, os países, estavam inseridos em governos ditatoriais. As sociedades sentiam que as suas liberdades estavam sendo suprimidas e a atuação econômica estatal não estava contribuindo para o auxílio de seus cidadãos, por meio dessas demandas iniciam as principais manifestações no norte da África, culminando, posteriormente, na Primavera Árabe.

Em relação ao *15-M*, o mesmo foi um movimento social que ocorreu na Espanha. No qual, estava pautado em dificuldades econômicas que sua população estava vivendo, e em relação ao bipartidarismo que não estava favorecendo a atuação dos cidadãos espanhóis. Por meio de movimentos prévios, que já atuavam em conversas contra o governo, através da *internet*, o movimento foi criado.

A partir da análise dos movimentos descritos, o movimento *Occupy Wall Street* começou a construir a sua conformação. Assim como os demais movimentos sociais,

o *Occupy* realizou o convite aos cidadãos para se tornarem manifestantes, através da *internet*. O movimento conseguiu, por meio dos seus fundadores, criar a ideologia e as propostas para as manifestações. Toda a construção contou com o auxílio das redes sociais, e dos demais movimentos que o apoiavam por meio da divulgação das suas ações por meio da *internet*. Consequentemente, foi analisado a atuação do governo nacional, em relação aos acontecimentos que conseguiram se espalhar por todo o território estadunidense.

A partir da análise dos movimentos, o último capítulo visa compreender o papel que as redes sociais obtiveram em relação a atuação e consolidação dos movimentos sociais de 2011. Por intermédio de um estudo, realizado pela Universidade de Washington, analisou-se dados que auxiliam na confirmação de que estava sendo proporcional o aumento das manifestações nas ruas com as postagens relacionadas aos movimentos na *internet*.

Assim, é possível evidenciar o papel fundamental que as redes sociais tiveram na conformação de novas estruturas sociais e no posicionamento dos cidadãos. A partir delas foi possível gerar movimentos sociais que conseguiram modificar as estruturas sociais desses países.

2 A INSERÇÃO DE NOVAS TECNOLOGIAS NA SOCIEDADE E A CONSTRUÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS DE 2011

No primeiro capítulo deste trabalho, será analisado como as teorias de Susan Strange e Manuel Castells convergem e auxiliam na compreensão do estudo dos movimentos sociais de 2011, dentre os movimentos estão listados: o Occupy Wall Street, Revolução Tunisiana, Revolução Egípcia e o *15-M*. A teoria de Strange, aborda a influência que as tecnologias estão promovendo dentro das sociedades, o que acaba diminuindo o papel do Estado em sua atuação. Por conseguinte, Castells, analisa a nova conformação da sociedade através da Revolução da Tecnologia da Informação, afirmando que estamos vivendo em uma sociedade em redes.

2.1 Teoria de Susan Strange - a necessidade de mudanças nas análises do sistema internacional em função da inserção de novas tecnologias na sociedade

Strange foi um dos primeiros autores a perceber a inevitabilidade de ampliação das análises do sistema internacional. Ela visualizou que havia a necessidade de inserir outras pautas nos estudos, além de priorizar o Estado como centro das políticas internacionais.

As mudanças tecnológicas que estão ocorrendo na sociedade, estão realizando mudanças sociais que convergem em transformações nas relações sociais. Elas ocasionam em uma maior distribuição de poder entre os atores sociais e numa redução da influência do poder estatal (STRANGE, 1988).

Para Strange (1988), todavia, a natureza das relações internacionais ainda possui diversas restrições em seus estudos e não qualifica o estudo das políticas internacionais. As agendas, econômica e política, ainda se restringem a focar nas preocupações dos países e nos interesses dos governos mais poderosos. As escolas que aceitam essa agenda, partem da visão dos Estados como o ator central da agenda política e social e, portanto, não conseguem captar realidades e circunstâncias decorrentes de novos fenômenos (STRANGE, 1988).

What we need is different. It is a framework of analysis, a method of diagnosis of the human condition as it is, or as it was, affected by economic, political and

social circumstances. This is the necessary precondition for prescription, for forming opinions about what could and should be done about it. For each doctrine has its own custom-built method of analysis, so planned that it leads inevitably to the conclusion it is designed to lead to (STRANGE, 1988, p. 16).

Dentro dessa concepção Estado-centrista, as relações internacionais são baseadas pelo nível de importância da atuação do país internacionalmente. Por isso, é considerado que as tomadas de decisão que ocorrem dentro dos Estados Unidos acarretam em consequências nas atuações dos demais países, posto a influência internacional que o país possui politicamente e economicamente¹ (STRANGE, 1988).

As ciências sociais, assim como as ciências exatas, possuem a ambição de querer prever o futuro, criar leis para o sistema internacional, a fim de diagnosticar o que acontecerá na economia mundial no futuro. Elas desejam criar padrões que regulem os comportamentos sociais e políticos. Tudo isso, no entanto, tem sido uma perseguição a um caminho hipotético. O que precisa ser encontrado é um método de análise da economia internacional que quebre as barreiras entre ideologias, e abra as portas para diálogos entre os diferentes pensamentos. Assim, a autora congrega que há a necessidade de analisar a atuação dos atores não estatais no contexto do sistema internacional.

2.1.1 A estrutura de poder através do conhecimento

No decorrer do texto Strange (1988) explica as questões de como o poder pode ser usado para contornar as políticas econômicas, quais os riscos, os benefícios e as oportunidades que isso pode resultar ao sistema internacional. Sendo assim, ela delimita duas categorias de poder, o poder relacional e o poder estrutural.

O poder relacional baseia-se no que a teoria realista explana, é o poder utilizado para conseguir vantagens com um país, mesmo que a posição do mesmo não seja favorável com as atitudes do Estado mais poderoso. O poder estrutural, é o

¹ A língua inglesa tornou-se a “língua franca” de todas as relações sociais, econômicas e de grupos profissionais no mundo. Isso demonstra o poder que os Estados Unidos possui, em relação aos demais Estados, pois suas línguas são minimizadas quando comparadas, em negociações, com o inglês (STRANGE, 1988).

poder que modela e determina as estruturas econômicas globais, sendo que há Estados que já estão inseridos dentro dessas estruturas, assim suas atividades necessitam adequar-se às novas situações que são delimitadas pelos atores que desenharam o poder (STRANGE, 1988). Além disso, Strange (1988) conceitua que as estruturas de poder se delimitam em: conhecimento, financeira, produção, segurança.

O poder do conhecimento, é uma das estruturas de poder mais subestimada e esquecida. Essa estrutura não é menos importante que a financeira, produção ou segurança. O poder do conhecimento faz com que alguns possuam informações privilegiadas e que assim haja assimetrias em relação ao conhecimento, o que resulta na exclusão de alguns atores (STRANGE, 1988).

A rápida mudança tecnológica teve potencial de gerar ferramentas a custos baixos, que podem ser utilizadas em diversos meios. A extensão da comunicação, auxiliou que houvesse o aumento no número de dados ao alcance de todos, e assim fosse possível gerar, com maior agilidade, um grande número de informações, mesmo sendo realizado a longas distâncias. Além disso, a tecnologia permitiu uma quebra de barreiras em relação à língua, uma das principais divisões humanas (STRANGE, 1988).

A facilidade que a comunicação proporciona, permite que qualquer mercadoria seja comercializada e vendida com maior acessibilidade, o fluxo de mercado é ampliado. Uma das implicações do sistema político internacional, que está sendo impactada através das mudanças tecnológicas na estrutura do conhecimento, é que ele se encontra centralizado. O poder do conhecimento está embasado nas grandes corporações internacionais, que, em sua grande maioria, encontram-se nos Estados Unidos. Mesmo elas estando situadas em outros países, as suas vendas passam pelo mercado estadunidense, pois ele continua sendo um dos maiores mercados e um dos mais ricos. Com isso, a concentração de poder caracteriza-se em um só Estado (STRANGE, 1988).

Os resultados que estão sendo fabricados por essa estrutura são: a competição entre os Estados pela liderança da estrutura do conhecimento; o acesso e aquisição de conhecimento, por meio dos governantes, está sendo assimétrico e continua aumentando as suas discrepâncias; está ocorrendo novas distribuições de poder, no status social e na influência dentro das sociedades, e através das fronteiras dos Estados (STRANGE, 1988).

2.2 Teoria de Manuel Castells - a rede da *internet* conectando a rede mundial

Castells (2000) analisa a nova estruturação da sociedade, da economia e da cultura, através da Revolução da Tecnologia da Informação. A Revolução que o autor trata, possui a capacidade de penetrar em todos os âmbitos da atividade humana, ela auxilia no processamento ou na comunicação da informação. Assim, a informação passa a se reinventar, utilizando o conhecimento que já possui para a criação de novos dispositivos que disseminem a informação.

Vieira (2008) afirma, que a Revolução da Tecnologia da Informação pode ser comparada com a grandeza que a Revolução Industrial, do século XVIII, possui. Por meio do industrialism, ocorreu o auxílio no crescimento da economia e, conseqüentemente, na maximização da produção. Já o informacionalismo, procura estabelecer o desenvolvimento tecnológico, e assim a ampliação do conhecimento, gerando níveis maiores de complexidade do processamento da informação, conseguindo alcançar o nível da *internet* que foi difundida por todo o globo.

As redes, que Castells (2000) cita, são a nova forma de comunicação que está surgindo, por meio das redes mundiais de computadores. As redes estabelecem uma nova configuração para a sociedade, resultando na transformação de processos produtivos, poder e cultura. A nova conformação de organização social, possuiu o auxílio da tecnologia da informação para gerar a sua perpetuação por toda a estrutura social (CASTELLS, 2000). Vieira (2008) cita que está ocorrendo uma nova ordem econômica e social, e assim uma reestruturação social, pois o centro da Revolução encontra-se nas tecnologias de informação e comunicação. As pessoas estão se rearranjando, e os sistemas políticos começam a sofrer uma crise, dado que estão perdendo as suas características.

Sem dúvida, a habilidade ou inabilidade de as sociedades dominarem a tecnologia e, em especial, aquelas tecnologias que são estrategicamente decisivas em cada período histórico, traça seu destino a ponto de podermos dizer que, embora não determine a evolução histórica e a transformação social, a tecnologia (ou a sua falta) incorpora a sociedade de transformação das sociedades, bem como os usos que as sociedades, sempre em um processo conflituoso, decidem dar ao seu potencial tecnológico (CASTELLS, 2000, p. 26).

Todavia, as demais revoluções se difundiram em localidades específicas, já a Revolução da Tecnologia da Informação conseguiu se difundir em menos de duas

décadas pelo mundo. Mas, ainda há locais que não estão interligados ao sistema tecnológico, o que decorre em uma desigualdade social, uma vez que ainda não possuem acesso as tecnologias, resultando na falta de meios para a utilização das ferramentas de informação (VIEIRA, 2008).

Castells (2000), afirma que com a revolução informacional, pela primeira vez, a mente humana tornou-se uma força direta na produção, e não um componente do sistema produtivo. Logo, está ocorrendo uma integração entre mentes e máquinas.

As tecnologias da informação não são simplesmente ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos. Usuários e criadores podem tornar-se a mesma coisa. Desta forma, os usuários podem assumir o controle da tecnologia como no caso da Internet (CASTELLS, 2000, p. 69).

A cultura da realidade virtual começa a ser construída, a *internet* permite o uso de qualquer fonte de comunicação (vídeo, fotografia, mensagem). Ela consegue abranger todos os meios de comunicação e interação, o que gera uma mudança cultural na forma de aquisição de entretenimento (CASTELLS, 2000).

A *internet* é considerada por Castells (2000), o cerne da comunicação global mediada por computadores (CMC)², ela é uma rede que interliga a maioria das redes mundialmente. A rede da *internet* conseguiu se difundir pela sociedade dos EUA em apenas três anos. Enquanto que outros meios de comunicação, como a TV e o rádio, levaram 15 e 30 anos, respectivamente. Apesar disso, a *internet* continua sendo um ambiente de desigualdade social, com acesso restrito a algumas regiões.

No entanto, a sua constituição conseguiu desenhar o sistema de maneira flexível ao que os usuários da rede desejassem. Houve a contribuição tecnológica de diversos desenvolvedores que auxiliaram no aperfeiçoamento da *internet*, eles possuíam acesso irrestrito para trabalhar na constituição da *internet*. Sendo assim, sua estrutura estabeleceu-se de maneira aberta, dando possibilidade de acesso público e ilimitado, fazendo com o que o domínio governamental fosse restrito. Demonstrando que os consumidores da *internet* também são seus produtores (CASTELLS, 2000).

² CMC significa comunicação global mediada por computador, termo utilizado pelo autor no decorrer do seu livro (CASTELLS, 2000).

A comunicação se expandiu para além do ambiente de trabalho, as pessoas estão utilizando a *internet* em seu dia a dia. Por meio dela, há a viabilidade de ocorrer discussões mais desinibidas e com maior sinceridade pelos usuários. A decorrência disso, foi o crescimento da participação de grupos minoritários (mulheres e grupos sociais oprimidos) nas conversas em meios eletrônicos (CASTELLS, 2000).

As discussões começaram através de debates populares e redes comunitárias em Amsterdã e nos EUA na década de 1990. O debate internacional surge para defender pautas sobre os direitos humanos, a preservação ambiental, a democracia política. Por intermédio da *internet*, começou a difusão de informações, mobilização e organização de movimentos transnacionais (CASTELLS, 2000).

2.3 A influência das novas tecnologias nos movimentos sociais de 2011

Assim como Castells (2000) cita que a *internet* era o esqueleto das comunicações das redes globais, a *internet* conseguiu ser o centro das comunicações para as manifestações sociais de 2011. As citadas no presente trabalho são: *Occupy Wall Street*, Revolução Tunisiana, Revolução Egípcia e *15-M*. Robledo (2013) comenta que sem a internet não seria possível reunir os cidadãos na Espanha para mostrar, através de vídeos, instantaneamente, os acontecimentos e as reivindicações que estavam ocorrendo nas ruas pelo movimento *15-M*³.

Com a evolução das tecnologias da comunicação e informação, a *internet* conseguiu abranger todos os meios de comunicação (CASTELLS, 2000). A interação dos novos meios de comunicação, as redes sociais, conseguiu descrever para a sociedade os atos que estavam ocorrendo nas manifestações. O mesmo pode ser comprovado por meio das interações no *Twitter* que ocorriam durante a Primavera Árabe, o número de *hashtags* e assuntos que estavam relacionados aos movimentos aumentou no momento em que as manifestações demonstraram seus ideais nas ruas (HOEARD et al., 2011).

³ Movimento social apartidário ocorrido em 2011 na Espanha. O movimento lutava por maior democracia em seu país e maior controle das consequências causadas pela crise econômica de 2008 (ROBLEDO, 2013).

Uma pequena parcela da sociedade, na Primavera Árabe, estava inserida na *internet* e não continha perfis nas redes sociais, pois não possuía acesso aos meios. Mas, com a ampliação das atuações dos movimentos nas ruas, houve a inserção de novas pessoas utilizando a tecnologia (HOWARD et al., 2011). Assim, as mudanças estruturais na sociedade citadas por Strange (1988), ainda estavam acontecendo em ambientes que se encontravam em desigualdade social, em relação a tecnologia da informação (CASTELLS, 2000). Mesmo os movimentos sociais estando inseridos na era da *internet* (CASTELLS, 2012), muitas pessoas ainda não faziam parte desse contexto, mas a vontade de manifestar fez com que elas entrassem para contribuir com informações.

Assim como Castells (2000), afirma em seu livro que os grupos minoritários, como as mulheres, conseguem voz pela *internet*, o mesmo ocorreu nas manifestações da Primavera Árabe. A abertura que a *internet* possui, contribuiu para que elas pudessem demonstrar os seus interesses por meio de postagens. Além disso, a abertura, que desde a criação da rede existe, foi fator fundamental, para que além das mulheres, a sociedade se sentisse confortável para contribuir e participar das manifestações. Dado que, todos estavam inseridos no contexto social que ambientavam-se as informações.

Um dos aspectos mais maravilhosos da Internet e da Web é que simplesmente não existem limites. Não há limites para quem pode participar. Enquanto no passado havia apenas duas maneiras de se envolver - doar dinheiro ou doar tempo -, agora existem dúzias de formas pelas quais as pessoas podem oferecer apoio às organizações de seu interesse fazendo uso de ferramentas sociais: atualizando seu perfil no Facebook para defender uma causa, organizando um evento para levantar fundos, escrevendo uma postagem em um blog, produzindo e compartilhando um vídeo, e muitas mais (KANTER et al. 2011, p. 11).

Strange (1988) relata que cada sociedade possui os seus valores básicos em sua composição (justiça, liberdade, riqueza e segurança). Com base nisso, deve-se analisar e compreender que cada sociedade possui o seu grau de prioridade a cada valor, pois algumas podem valorizar a liberdade e outras a riqueza, isso depende do contexto social em que elas estão inseridas (STRANGE, 1988). Os valores denominam o que elas mais prezam, e demonstram a vivência que obtiveram no decorrer dos anos. Os mesmos podem ser analisados pelas características demandadas por cada sociedade durante as manifestações, pois cada país estava inserido em uma conjuntura. Consequentemente, cada Estado possuía suas

reivindicações que consideravam favoráveis à sua sociedade. Mas, as manifestações ocorriam, em razão de haver tensões dentro de suas sociedades, assim a *internet* servia como meio para difusão do cenário em que estavam vivendo, Castells (2012) ressalta:

Mas movimentos sociais não nascem da pobreza ou do desespero político. Exigem uma mobilização emocional desencadeada pela indignação que a injustiça gritante provoca, assim como pela esperança de uma possível mudança em função de exemplos de revoltas exitosas em outras partes do mundo, cada qual inspirando a seguinte por meio de imagens e mensagem em rede pela internet. Além disso, a despeito das profundas diferenças entre os contextos em que esses movimentos surgiram, há certas características que constituem um padrão comum: o modelo dos movimentos sociais na era da internet (CASTELLS, 2012, p.163).

As inspirações que Castells (2012) cita que ocorreram, corroboram com as vantagens das organizações sociais que Strange (1988) explica. No momento em que os movimentos se unem por meio da tecnologia - suporte do *15-M* ao *Occupy Wall Street* (OWS) para apoiar as suas manifestações - conseguem forças para legitimar as estruturas dos seus movimentos internos (SAVATER, 2013). Além disso, as barreiras que eram ocasionadas pela língua não foram empecilhos para ocorrer o auxílio aos movimentos internacionais (STRANGE, 1988).

O que demonstra a capacidade das atuações internacionais por meio das tecnologias da informação, os debates conseguiram transcender as atuações políticas e fizeram parte do contexto das sociedades internacionais. A influência dos Estados dentro da *internet* perde força, pois mesmo tentando barrar o acesso a rede, como aconteceu no Egito, desenvolvedores conseguem burlar os bloqueios e fazem com que a utilização da *internet* seja restaurada no país (ROHR, 2011).

Assim, os Estados, tornam-se vulneráveis as possíveis ações que os cidadãos realizam pela *internet*, pois a repercussão não precisa ser unicamente dirigindo-se as ruas, mas também via redes sociais. Sendo que, a agilidade que a comunicação em rede possui, consegue-se difundir de maneira rápida e assertiva as interações entre os indivíduos.

Historicamente, os movimentos sociais dependem da existência de mecanismos de comunicação específicos: boatos, sermões, panfletos, e manifestos passados de pessoa a pessoa, a partir do púlpito, da imprensa ou por qualquer meio de comunicação disponível. Em nossa época, as redes digitais, multimodais, de comunicação horizontal, são os veículos mais rápidos e mais autônomos, interativos, reprogramáveis, e amplificadores de toda a história. As características dos processos de comunicação entre indivíduos engajados em movimentos sociais determinam as características

organizacionais do próprio movimento: quanto mais interativa e autoconfigurável for a comunicação, menos hierárquica será a organização e mais participativo o movimento (CASTELLS, 2012, p. 19).

Como Strange (1988) cita em seu livro, o conhecimento é um bem público e comunicável, através das tecnologias de informação, os manifestantes conseguiram fundamentar suas argumentações nas ruas. Visto que, durante as manifestações do *Occupy Wall Street*, os manifestantes possuem diversas formas de demonstrar suas reivindicações, mas uma delas era citando a frase “*We are the 99%*”. A partir dessa frase, o jornal *The Guardian* (2011) analisa se a informação que estava sendo descrita está correta. Mas, em realidade, eles concluíram que o lema precisaria de um pequeno ajuste, dado que eles não eram os 99%, mas sim os 99,99%. As informações, foram fundamentadas por intermédio das tecnologias de informação, que também foram utilizadas pelos manifestantes.

Diante disso, a partir das lentes teóricas de Susan Strange e Manuel Castells, o próximo capítulo, deste estudo, busca descrever e analisar as principais características e motivações do movimento *Occupy Wall Street*, transcorrido em 2011. O intuito é a compreensão do contexto social que o movimento estava inserido, para que assim fossem propiciadas sua organização e expressão na sociedade. Ademais, busca-se analisar o posicionamento do governo estadunidense perante os protestos.

3 MOVIMENTO OCCUPY WALL STREET (OWS)

As manifestações sociais estão realizando novas interações sociais no contexto internacional. Por meio da Revolução Tunisiana, Revolução Egípcia e *15-M*, o movimento *Occupy Wall Street* (OWS) ocorrido em Nova Iorque, obteve suas inspirações para realizar as suas manifestações. Através disso, o capítulo visa compreender como foi realizado os movimentos que inspiraram o OWS, como foi a idealização e organização do movimento, a difusão dos ideais e as manifestações ocorridas em *Wall Street*. Por conseguinte, visa-se a compreensão da atuação do Estado, em relação aos acontecimentos no país.

3.1 Os movimentos que motivaram o *Occupy Wall Street*

As manifestações que ocorreram na Tunísia, Egito, Espanha e a proliferação da Primavera Árabe em 2011, foram manifestações que demonstraram novas formas de movimento e representação social. Por meio da população de seus países, conseguiram apresentar e convencer a sociedade internacional que possuem capacidade de mobilização, para demonstrar suas demandas e lutas sociais através da *internet*.

As demandas eram diversas dentre os países, mas todas culminavam na luta pela representação justa e igualitária de sua população, tanto em âmbito político-econômico, quanto social. Além disso, alguns Estados ainda sofriam com as consequências da crise econômica de 2008, outros ansiavam pelo fim da ditadura política em seus países.

3.1.1 Manifestações na Tunísia: Revolução de Jasmim

No país em que eclodiu a Primavera Árabe⁴ - a Tunísia - o movimento foi iniciado em dezembro de 2010, mais precisamente quando a polícia confisca as

⁴ A Primavera Árabe foi a conformação de vários movimentos anti-governo iniciados no final de 2010. O movimento conseguiu derrubar certos governos em países árabes. Em meio a violência, durante os

verduras e frutas que Mohamed Bouazizi, um jovem com 26 anos, vendia. Ao ver a indiferença que o governo possuía, em relação à ação dos policiais, Mohamed demonstra a sua indignação ateando fogo ao seu corpo como forma de protesto em frente ao prédio do governo (MANFREDA, 2017).

Esse fato, configura-se como o marco inicial das manifestações na Tunísia, que posteriormente é chamada de Revolução de Jasmim. Após os tunisianos assistirem o que se desenrolou com Mohamed, por meio das redes sociais, a revolta se instaura em todo o país, os manifestantes iniciam os debates e demonstram as suas reivindicações na *internet* e nas ruas. Como consequência, o movimento ganha novos países adeptos, como: Egito, Argélia, Jordânia e Iêmen.

Mas, esse episódio foi somente o estopim para a instituição das manifestações. A população tunisiana já vinha insatisfeita com o governo de Zini El Abidin Ben Ali, que estava no comando desde 1987. A sua gestão pautava-se em um governo ditador, que se denominava como uma democracia. Seu longo mandato consistia: na falta de liberdade de expressão, na violência policial e na supressão de empregos aos mais jovens. Com essas pautas, era possível analisar que as manifestações eram fundadas, majoritariamente, por jovens insatisfeitos com sua realidade social e possível futuro no país, sendo que não se via uma perspectiva de vida naquele contexto social.

No início das manifestações, as redes sociais não eram populares entre os cidadãos da Tunísia, havia poucas pessoas cadastradas como usuários no *Facebook*, *Twitter* ou *Youtube*. Mesmo assim, elas auxiliaram na disseminação de ideias e representatividade do movimento ao sistema internacional.

Com a mídia social, foi possível: desmentir notícias falsas que estavam sendo divulgadas pelo governo; auxiliar na proteção e organização das manifestações, de forma em que todos estivessem conscientes dos fatos que estavam permeando a situação corrente; auxiliar na maior disseminação de informações em forma de vídeos e fotografias, fazendo com que novos usuários realizassem esse fenômeno e não somente os que já estavam cadastrados.

Ademais, outro fator que preponderou em razão da *internet* e tornou-se característica do movimento, foi que não havia uma liderança centralizada, uma

protestos, os governos tentavam retardar as manifestações com repressão e promessas de reformas políticas (MANFREDA, 2017).

representatividade que fosse direcionada a um único moderador. Existiam vários líderes em seus contextos sociais, e pessoas que auxiliavam a inspirar novos adeptos a se juntarem às manifestações.

Por causa da dimensão que as manifestações conseguiram atingir, Ben Ali promete maior liberdade de expressão a sua população, como forma de aceitar as demandas que estão sendo questionadas ao seu governo. Além disso, promove a população que renunciaria das eleições de 2014, e declara estado de emergência no país (BBC, 2011). Nesse entremeio, o engajamento da população aos protestos já era gigantesco, estava percorrendo tanto o caminho das redes sociais, quanto o das ruas. No entanto, em janeiro de 2011, com um mês de manifestações, o presidente Ben Ali é retirado do seu governo de 24 anos, e a Tunísia inicia uma transição democrática do seu Estado.

Todas as análises que são realizadas sobre os acontecimentos, confirmam que sem as redes sociais o mundo não conseguiria saber o que realmente estava ocorrendo na Tunísia. Seu papel foi primordial em diversos aspectos, mas os principais são: a divulgação dos acontecimentos internamente e externamente, o esclarecimento das ações do movimento dentro do país e o auxílio na mobilização da população para atuar nos movimentos nas ruas.

3.1.2 Manifestações no Egito: Revolução Egípcia

Com a influência dos acontecimentos ocorridos na Tunísia, alguns de seus vizinhos se inspiram em suas manifestações e iniciam as suas próprias. Esse é o caso do Egito, país que vivia com a ditadura política de Hosni Mubarak há 30 anos.

A população egípcia, já estava sentindo o reflexo das atitudes do governo de Mubarak em seu dia a dia, como o alto preço dos alimentos e a baixa remuneração salarial. Através da compreensão que a população não estava sendo favorecida por intermédio das atuações governamentais, via-se a necessidade de movimentos prévios contra o governo, antes mesmo de ocorrerem as primeiras manifestações em Tunes (GUARDIAN, 2011).

Um desses movimentos era o “*April 6 youth movement*”⁵, que iniciou em 2007, com o objetivo de lutar contra as ações do governo de Hosni Mubarak, seu princípio se deu por meio do *Facebook*. A partir das ações do grupo, que a população começa a ser chamada para se reunir e manifestar contra os atos do governo vigente.

Asmaa Mahfouz, uma integrante do movimento, divulga em 18 de janeiro de 2011, um vídeo convidando os cidadãos, que não se sentiam confortáveis com a situação em que estavam vivendo, para que lutassem por seus direitos nas ruas, levando cartazes contendo as suas reivindicações (NAIB, 2011). A partir de então, governo, cidadãos e comunidade internacional estão todos cientes que as manifestações estão se proliferando pelo o Egito.

Sabendo do espectro de alcance que necessitavam para a divulgação, manifestantes criaram uma *hashtag*⁶ contendo #Jan25. Com ela, os usuários do *Twitter*, conseguiriam visualizar e buscar, com maior facilidade, os acontecimentos das manifestações. Além disso, ela servia para que as pessoas compartilhassem e comparecessem no dia 25 de janeiro de 2011, na Praça Tahir no Cairo, para lutar com os demais manifestantes (HICKEY, 2014).

No decorrer das manifestações no Egito, era visto, pelo grande número de pessoas mortas, que o movimento ocorria e culminava em muita violência e intimidação, tanto contra a população protestante, quanto aos jornalistas que estavam trabalhando. As ações do governo, visavam dispersar os manifestantes e jornalistas de maneira violenta e desumana. Outro preponderante que pode ser visto nas manifestações, foi que o governo percebeu que a divulgação pela *internet* estava sendo fator fundamental para o crescimento das manifestações, a convocação e a divulgação aos manifestantes estava surtindo efeito.

Assim, com a repercussão e a capacidade de divulgação que estava ocorrendo nas manifestações egípcias, os Estados ocidentais, em conjunto com a ONU, conseguiram analisar as manifestações e suas consequências ao governo, e estavam

⁵ Grupo de jovens criado no dia 06 de abril de 2007, por meio do *Facebook*. Seu objetivo era realizar manifestações pelo país, com o intuito de lutar contra as políticas internas vigentes do governo. O movimento sofreu diversas baixas no dia das manifestações em 2007, pois muitas pessoas foram presas. Mas isso não significou o rompimento do grupo, eles continuam atuando nas redes sociais e auxiliaram para o início das manifestações que ocorreram em 2011 no Egito (حركة شباب 6 ابريل).

⁶ A *hashtag*, escrita com o símbolo “jogo da velha”, foi criada pela rede social *Twitter* para otimizar o uso da plataforma, e, assim, seus usuários podem encontrar os assuntos que lhe interessam com maior facilidade utilizando-a como forma de busca e pesquisa (TWITTER, [21-?]).

discutindo ações que deveriam ser realizadas internamente no país (BBC, 2011). Com todos os atenuantes, houve o corte da *internet* por um período no Egito, a divulgação de fotografias e vídeos foi interrompida, conquanto o governo nega que tenha realizado esse ato (ROHR, 2011).

Durante os protestos, Mubarak proclama discursos que ratifica a sua posição em auxiliar os cidadãos, para que a economia melhorasse, e houvesse maior possibilidade de emprego. Nesse entremeio, o presidente perde o seu maior apoio institucional, às Forças Armadas. E, a partir disso, o presidente renuncia ao seu mandato de 30 anos. Em junho de 2012, o Egito consegue eleger pela primeira vez um presidente civil e de forma democrática.

3.1.3 Manifestações na Espanha: 15-M

O movimento *15-M* surgiu na Espanha por meio de diversos grupos que já estavam lutando por reconhecimento de suas demandas no país. Todavia, quando houve a aglomeração de todos os movimentos, o *15-M* criou um documento que pautava as suas principais reivindicações, como: reforma fiscal, combate a corrupção, Estado laico, regularização das leis trabalhistas (ROBLEDO, 2013).

Eles, como as demais manifestações analisadas, iniciaram as suas discussões por intermédio da *internet*. No país, as manifestações surgiram pela reivindicação popular que estava lutando por seus direitos políticos e econômicos, a população ainda sentia os efeitos da crise econômica de 2008. Outro ponto a ser destacado, é que a população não considerava o bipartidarismo espanhol como fortalecedor das políticas internas do país, compreendiam que as atuações políticas do PSOE e PP⁷ eram similares.

O movimento espanhol chamado *15-M*, iniciou a sua ocupação na *Plaza del Sol* em Madri no dia 15 de maio de 2011, seu nome se constrói a partir das iniciais da data do estabelecimento das manifestações na praça. A data não foi adotada por casualidade pois, no dia 22 de maio, uma semana após o início das manifestações, iria acontecer as eleições municipais e autônomas no país. Logo, o movimento insurge

⁷ O PP (Partido Popular) e o PSOE (Partido Socialista Operário Espanhol) são os partidos que governam a Espanha desde 1982 (NIETO, 2018).

a sociedade um debate na véspera de mais um pleito eleitoral, discutindo assuntos que não eram abordados nas eleições.

No momento em que as manifestações se iniciam na Espanha, a população já possuía o aprendizado dos demais movimentos que ocorreram no mundo. O que possibilitava ter a esperança de modificar estruturas internas estabelecidas por longo período. Dado que, já haviam exemplos concretos das ações em outros países, como Egito e Tunísia, uma vez que seus líderes haviam perdido o seu posto.

Ademais, houve o reconhecimento da imprensa internacional da existência do movimento, pelo auxílio das redes sociais, esse fator foi imprescindível para mais um movimento emergir. O *15-M* conseguiu internacionalizar suas manifestações pelo *Facebook*, *Twitter* e *Youtube*, assim mais pessoas conseguiram compreender a sua situação e debates que estavam acontecendo. Por conseguinte, as redes sociais, não fizeram o papel somente de divulgar a sociedade doméstica ou a sociedade internacional o que estava ocorrendo no país, elas conseguiram que houvesse a criação de alianças em conjunto com outros movimentos que estavam nascendo, como o *Occupy Wall Street*. Como Pedro Robledo (2013) comenta:

Las distintas concentraciones y acampadas que se produjeron en varias ciudades de España fueron posibles gracias al apoyo de las tecnologías de la comunicación y las redes sociales. Pronto los indignados no afiliados a ningún partido político, se organizaron a través de internet y fue posible incluso seguir las manifestaciones a través de video streaming (ROBLEDO, 2013).

Num primeiro momento, o movimento era considerado jovem, visto que a maioria dos seus fundadores eram pessoas mais novas e, também, pelo fato de que o início do debate ocorreu, inicialmente, apenas nas redes sociais. Mas, o grupo sempre organizou assembleias, rodas de debate ou conversa, fazendo com que ele se tornasse plural e heterogêneo, favorecendo a sua abertura. As pessoas compareciam nas praças pois liam o que estava sendo postado na *internet*, o contepudo atraía elas a comparecerem aos movimentos, aumentando a sua pluralidade. O movimento possuiu grandes conquistas, a mais relevante foi a possibilidade de ocorrer políticas com democracia e maior abertura, com as manifestações, houve a diminuição do monopólio que havia com o bipartidarismo (BLAS e GÁLVEZ, 2015).

3.2 O movimento *Occupy Wall Street*

3.2.1 Início do movimento

Os fundadores do movimento *Occupy Wall Street* se inspiraram nas demais manifestações citadas. Diante de suas resoluções, foi percebido que haveria a possibilidade de modificar a estrutura social, democrática e econômica dos Estados Unidos. Mobilizando a sociedade, com uma ferramenta em que a maioria da população estadunidense possui acesso - a *internet*. Micah White e Kalle Lasn, começaram a estruturar a revolução contra o sistema financeiro estadunidense (PELLEGRINI, 2015). Isso tudo com a esperança de que houvesse grandes feitos a sociedade do país, assim como as demais manifestações que inspiraram o movimento naquele ano e que serviram como insumo para solidificar suas ideias.

No momento em que começa a estruturação do movimento, os seus fundadores trabalhavam em uma revista canadense chamada *Adbusters*, situada em Vancouver. A revista possui o intuito de lutar por causas sociais e políticas, mas com o viés do anticonsumismo preponderante em suas pautas. A revista expõe, o quanto a sociedade está sendo condicionada a fatores externos do mundo e influenciada por questões que fazem perseguir atitudes que não são naturais ao ser humano (ADBUSTER, 2018). Ou seja, como propaganda de empresas, principalmente multinacionais, conseguem induzir ao consumo excessivo, sem haver a necessidade de aquisição da grande maioria desses produtos. Além disso, há a crítica de como essas empresas influenciam na política externa e doméstica nos Estados Unidos, a partir das demandas que elas apresentam e que são aceitas pelos políticos estadunidenses (A BILLION PEOPLE, 2018).

A partir disso, a revista cria paródias com as propagandas geradas pelas grandes empresas multinacionais. E por meio dela, apresenta uma reflexão a sociedade, para que ela pense e reaja contra a influência que as empresas possuem, quando delimitam o poder de escolha das pessoas (KASTE, 2011).

Neste caso, a revista prega aos seus leitores para que saiam do senso comum e ponderem se estão sendo manipulados ou não. Além de os convidar para não realizar compras em dias celebrados pela indústria estadunidense, como Natal e *Black Friday* (A BILLION PEOPLE, 2018).

Por meio das concepções que a revista declara, em conjunto aos princípios das manifestações que convergiram no ano de 2011, os fundadores perceberam a possibilidade de envolvimento e participação, com maior afinco, dos cidadãos estadunidenses. Compreenderam que os mesmos poderiam lutar pelos ideais que já estavam sendo construídos pela revista, e aqueles ideais que consideravam que estavam sendo infringidos pelo governo estadunidense.

3.2.2 Os principais objetivos do OWS

O objetivo inicial do movimento nunca foi lutar contra o capitalismo, sistema utilizado na economia estadunidense, mas sim, lutar pela diminuição da desigualdade socioeconômica que ocorre com grande parte da população. De acordo com o *Occupy Wall Street* (GUARDIAN, 2011), 1% da população estadunidense possui 25% da renda nacional, logo os outros 99% dividem-se aos 75% que restam. Além disso, o 1% não possui as mesmas vantagens e oportunidades que os mais ricos têm. Observando as grandes recessões econômicas que ocorreram no país, como a que ocorreu em 2008, os que mais sofreram com as consequências foi a parcela mais pobre da sociedade. Enquanto que a porcentagem mais rica, continuou usufruindo de seus frutos e crescendo, mas com uma frenagem pequena em relação a situações econômicas estáveis. A partir desse diagnóstico, o movimento passou a se denominar como: “*We are the 99%*”⁸.

A frase se tornou o lema e o “grito de guerra” dos participantes, ela representa a luta pela parcela marginalizada, os 99%, parcela esta que consideravam a mais carente por políticas públicas. Outro ponto que o OWS levanta, é que as políticas públicas, criadas no país, são condicionadas ao interesse das grandes corporações e instituições financeiras.

E por quê ocorreu todo esse movimento em *Wall Street*? Nova Iorque possui um dos maiores centros financeiros internacionais, sua magnitude consegue influenciar a economia de diversos países, além de ser considerado referência como o centro financeiro mais importante do mundo (FARAGO, 2011). Com as

⁸ Essas informações foram descritas no vídeo realizado pelo jornal The Guardian (GUARDIAN, 2011).

manifestações ocorrendo nesse ambiente, utilizando da sua capacidade de ampliação da visibilidade internacional, o *Occupy Wall Street* mostraria ao mundo o “*American Dream*”⁹ em que estavam vivendo naquele momento.

A partir dessa conjuntura, o movimento buscava que a democracia fosse realizada de maneira igualitária com a sua população, ocorrendo: a diminuição da corrupção, a taxaçoão aos mais ricos e não houvesse a interferência de instituições ou corporações financeiras internacionais nas políticas econômicas do país, retirando o envolvimento do dinheiro como fator preponderante na condução das políticas públicas e econômicas do governo. O manifestante e escritor David Graeber, em conversa com a jornalista Goodman (2011), descreve a desigualdade econômica que ocorre entre a população:

Debts between the very wealthy or between governments can always be renegotiated and always have been throughout world history. ... It's when you have debts owed by the poor to the rich that suddenly debts become a sacred obligation, more important than anything else. The idea of renegotiating them becomes unthinkable (GOODMAN, 2011).

Através dessas demandas, o *Occupy Wall Street* tem como objetivo modificar a estruturação das políticas públicas, e olhar para a grande massa da população que paga impostos mais altos em relação aos mais ricos.

3.2.3 Como ocorreu o movimento

A partir da delimitação das demandas que necessitavam ser debatidas pelo movimento, uma das primeiras ações que os fundadores do *Occupy* tomaram, em julho de 2011, foi criar um banner que instigasse os cidadãos e fizesse um convite para lutarem juntos por seus direitos. Porém, sem violência, um dos principais pontos que eram sempre levantados no momento da organizações do OWS. Todos estavam ali para lutar pela democracia, e a violência não deveria acontecer nos protestos.

⁹ O “*American Dream*” descreve que o governo dos EUA irá proteger o direito de cada pessoa em encontrar a sua felicidade. A declaração de independência do país, protege o “*American Dream*” aos estadunidenses (AMADEO, 2018).

Figura 1 - *Banner Occupy Wall Street*

Fonte: White (2018)

Na imagem do banner acima, há o touro de *Wall Street*, conhecido como *Charging Bull*, que se encontra na ilha de Manhattan em *Financial District* (CHARGING BULL, 2018), e uma bailarina vestida com roupas de *Ballet* que está sob suas costas. O intuito da imagem, como descreve um dos fundadores do OWS, Kalle Lasn, para o jornalista Eifling (2011):

To me it was a sublime symbol of total clarity. Here's a body poised in this beautiful position and it spoke of this crystal-clear sublime idea behind this messy business. On top of the head it said, 'What is our one demand?' To me it was almost like an invitation, like if we get our act together then we can launch a revolution. It had this magical revolutionary feel to it, which you couldn't have with the usual lefty poster which is nasty and visceral and in your

face. The magic came from the fact this ballerina is so sublimely tender (EIFLING, 2011).

A magia que poderia provir dessa fotografia, e ao mesmo tempo suas frases questionadoras, “*What is our one demand?*”, tinham o intuito de gerar uma inquietação aos seus observadores e um convite a todos para participarem do OWS. Além disso, os fundadores da revista colocaram: a *hashtag* #occupywallstreet na *internet*, para que as pessoas pudessem compartilhá-la e difundi-la nas redes sociais; a data da manifestação que ocorreria no dia 17 de setembro de 2011; e um convite para que os participantes das manifestações trouxessem suas barracas para o dia marcado.

O auxílio da *internet* foi fundamental para a disseminação tanto da imagem do banner, quanto da *hashtag* que foi criada. As estratégias de divulgação auxiliaram a população para que fosse possível buscar informações sobre o protesto com maior facilidade, e assim ter o conhecimento básico do que estaria por vir. Além de deixar esclarecido aos cidadãos, que estavam amplamente convidados a participar do OWS e trazer as suas demandas (PRESTON, 2011).

No momento em que a informação começou a ser perpetuada nas redes sociais, principalmente no *Twitter*, o grupo *Anonymus*¹⁰ cria um vídeo, em agosto de 2011. O vídeo serviu para demonstrar o seu apoio a ocupação e auxiliar os fundadores a compartilhar as informações necessárias (KAZMI, 2011).

Com o compartilhamento das informações por meio da *hashtag*, *banner*, vídeo, uma pequena parcela da sociedade começou a tomar conhecimento do que aconteceria no dia 17 de setembro de 2011, em Nova Iorque. Entretanto, antes que a manifestação realmente ocorresse, houveram assembleias com os participantes, ativistas, artistas e estudantes, que se disponibilizavam a organizar a logística do movimento. Como no *banner* continha o convite para trazer barracas no dia em que houvesse a manifestação, havia a necessidade de organizar a logística de todo o local. As assembleias eram constituídas de um sistema horizontal, assentado com consenso e autonomia entre os participantes, e suas ideias eram pautadas no pensamento

¹⁰ O “*Anonymus*” não se considera um grupo, mas sim uma ideia de renovação, para que não haja mais corrupção, injustiças onde as pessoas não tenham medo de morrer lutando (ANONBRNEWS, 2015).

anarquista. Todos eram bem-vindos a participar das manifestações, e o intuito era que os indivíduos se responsabilizassem pelas escolhas do que era melhor ao coletivo.

No primeiro dia de manifestação, em torno de 2000 pessoas caminhavam pelas ruas em direção a *Wall Street*, proclamando seus gritos de guerra e segurando placas com frases que demonstravam suas reivindicações. Outro meio de comunicação que os manifestantes começaram a contribuir com maior engajamento, e não somente os fundadores, foram as redes sociais. Uma parcela da sociedade internacional conseguiu observar o que estava ocorrendo no maior centro financeiro mundial, tanto pelas mídias de massa, quanto pela visão dos participantes do movimento. Como era desejado, tudo ocorreu tranquilamente, sem violência. A maioria dos manifestantes se instalou em *Zuccotti Park*, um parque que se situa ao em torno de *Wall Street* (GUARDIAN, 2011).

A partir desse momento, as assembleias ocorriam todos os dias, para que as decisões sobre a estrutura do parque fossem votadas de maneira democrática. Para que assim, todas as estruturas estivessem organizadas: bibliotecas, cozinha, banheiro, ambientes culturais, espaços para tirar dúvidas sobre o movimento e mídia; além disso, foi criada uma declaração de ocupação da cidade de Nova Iorque, que continha tópicos sobre o que a sociedade estava passando com os atos negativos de *Wall Street* e do governo (OCCUPY WALL STREET, 2011).

Entretanto, com toda a conjuntura do movimento, o que se percebia é que não havia uma unidade nas reivindicações, havia uma coerência de luta. Os participantes eram pessoas de diferentes classes sociais, em sua grande maioria jovens brancos que estavam na universidade. A unidade que existia é que todos estavam buscando por um mundo melhor, mas não se sentia que as informações e reivindicações eram iguais, o que fazia com que a imprensa local questionasse sobre o que realmente significava o movimento e o porquê as manifestações estavam ocorrendo naquele momento.

Por outro lado, o que mais chamava atenção era que o *Occupy Wall Street*, mesmo possuindo fundadores que difundem o assunto em diversos lugares no mundo e são reconhecidos pelo seu papel primordial até hoje, não possuía líderes. Uma das argumentações apresentadas, por alguns escritores, designa que os jovens já sabem o que irá ocorrer após as reivindicações. Por essa razão não acreditavam que lutando por seus ideais poderia ocorrer verdadeiras mudanças, assim como David Graeber afirma em entrevista concedida a Goodman (2011):

For the last 30 years, we've seen a political battle being waged by the super-rich against everyone else, and this is the latest move in the shadow dance, which is completely dysfunctional economically and politically. It's the reason why young people have just abandoned any thought of appealing to politicians. We all know what's going to happen. The tax proposals are a sort of mock populist gesture, which everyone knows will be shot down. What will actually probably happen would be more cuts to social services (GOODMAN, 2011).

Independente do movimento ter sido divulgado pelas mídias de massa e pelas redes sociais, a sua visibilidade inicial ainda possuía pequena abrangência. Quando foi divulgado em rede nacional, a conduta de policiais jogando spray de pimenta em quatro mulheres, e prendendo manifestantes na ponte do Brooklyn em meio a um ato pacífico, o OWS se tornou um movimento socialmente global, com divulgação para diversos países e adesão de outras cidades nos EUA, como: *Boston, Los Angeles, Kansas City*. A cena revoltava a todos, pois os manifestantes não tinham a possibilidade de defesa, demonstrando aos 15 milhões de espectadores, que assistiram ao vídeo na época, que houve abuso de autoridade por parte da polícia.

O movimento continua durante o ano, mas sua repercussão diminui com a chegada do inverno. As baixas temperaturas fazem com que as pessoas não permaneçam acampadas na ocupação. Em novembro de 2011, alguns projetos ainda estavam ocorrendo, o OWS deu suporte ao "*Bank Transfer Day*" que solicitava às pessoas que retirassem seu dinheiro dos grandes bancos e colocassem em bancos menores. Assim, o poder que os bancos possuíam em relação aos demais seria abreviado. O que pode ser visto, é que houve grandes remessas de transferências por todo o país, além de atos em frente às instituições (BERMAN, 2011).

Já no dia 17 de novembro, aniversário de dois meses do movimento, há a organização do "*International day of action*", em que o OWS convida a todos os seus membros a irem às ruas. Esse convite foi estendido à comunidade internacional e as demais cidades que aderiram nos EUA, sendo viabilizado o *link* de todas as manifestações no *site* oficial do OWS. Nos últimos protestos, ocorreram fortes repressões por parte da polícia, e neste, não foi diferente. Diversas pessoas foram presas em diversas cidades dos Estados Unidos, não somente em Nova Iorque. Os jornalistas foram reprimidos, mesmo estando identificados.

Em março de 2012, foi celebrado os seis meses de movimento. Neste dia, na rede social *Twitter*, foi postado milhões de *Tweets* que mencionavam ou referenciavam o *Occupy*, mais de 100 cidades nos EUA estiverem envolvidas e mais de 7000 pessoas foram presas¹¹. O movimento conseguiu mexer com a população, fazer com que ela saísse às ruas para lutar. Entretanto, havia a preocupação que a polícia retirasse o foco dos manifestantes com suas interrupções abruptas e violentas, os manifestantes já estavam se sentindo ameaçados antes mesmo de serem atacados.

O movimento ainda existe e conseguiu atingir diversas camadas sociais nos EUA¹². O fundador Micah White, concede uma entrevista a Westervelt (2017), citando que não considera que o OWS tenha sido um sucesso:

When I look at activism in the six years since Occupy, they're repeating the same mistake over and over and over again. We have become obsessed with the spectacle of street protests, and we have started to ignore the reality that we are getting no closer to power (WESTERVELT, 2017).

Talvez o que os fundadores tenham planejado, que era uma revolução na estrutura político-econômica diminuindo a desigualdade do país, não tenha sido alcançado. Porém, as camadas mais baixas da sociedade, perceberam que podem ter sua voz escutada por meio do surgimento de novos movimentos, que serão descritos no próximo capítulo.

3.2.4 Posicionamento do governo estadunidense em relação ao movimento OWS

O ano de 2011, antecede o ano em que aconteceu as eleições presidenciais estadunidenses. Nessas eleições, o presidente Barack Obama estava concorrendo ao seu segundo mandato ao governo. Com tal conjuntura, os manifestantes do movimento, *Occupy Wall Street*, almejavam um posicionamento por parte do governo,

¹¹ Essas informações foram descritas no vídeo realizado pelo jornal The Guardian quando o movimento completava seis meses (GUARDIAN, 2011).

¹² Uma demonstração de que o movimento continua atuando, é que em sua página há manifestações sendo marcadas constantemente (OCCUPYWALLSTREET, 2011).

e do candidato à presidência, em relação às suas reivindicações em *Wall Street* (GUARDIAN, 2011).

Os manifestantes desejavam que no governo houvesse maior controle em relação ao dinheiro gasto com políticas, e que as ações do governo Obama não favorecessem politicamente e economicamente os bancos ou serviços financeiros, argumento apontado pelos participantes do movimento. Durante a ocupação que estava ocorrendo em *Zuccotti Park*, os representantes da Casa Branca chegam a declarar que as demandas dos manifestantes estavam sendo ouvida pelo governo. Obama, também, declara a sua compreensão ao movimento em uma reportagem ao de Huffpost (2011):

For a lot of the folks who have been in New York and all across the country in the Occupy movement, there is a profound sense of frustration about the fact that the essence of the American dream, which is if you work hard, if you stick to it that, you can make it, feels like that's slipping away [...] And that's not the way things are supposed to be. Not here. Not in America (HUFFPOST, 2011).

O que os eleitores esperavam de um governo que estava prestes a se reeleger era um posicionamento político em relação aos acontecimentos no país. Todavia, a análise que pode ser feita é que o governo do Estado não tomou medidas nem pró nem contra o movimento. Quando se analisa a posição do presidente Obama, percebe-se que há uma lacuna em relação a sua fala e suas ações, quando diz respeito ao *Occupy*. Há pronunciamentos que alegam a sua compreensão ao que os manifestantes reivindicam, mas não há ações claras em relação ao OWS, além de haver falas que congregam a importância das instituições financeiras e bancos a economia estadunidense (HUFFPOST, 2011).

Ademais, não houve um posicionamento em relação aos ataques constantes que as polícias, de diversas cidades nos Estados Unidos, estavam realizando contra os manifestantes. Com esses fatos, não há como apontar se o governo de Barack Obama compreendia ou não o que estava ocorrendo com o movimento, a ponto de apoiá-lo ou demonstrar posição. Não podendo haver uma conclusão do tipo de posicionamento que estava ocorrendo nessa situação.

Um jornalista do *Washington Post* alega que Obama não poderia escolher um posicionamento durante as eleições, pois necessita de uma economia que seja um “*dragon to slay*”. E, caso demonstrasse um posicionamento a favor de um movimento

em meio a um ano eleitoral, poderia estar comprometendo a sua reeleição na campanha eleitoral de 2012 (GERSON, 2011).

Contudo, foi denunciado pelo jornal *The Guardian*, um arquivo com inúmeros documentos que são descritos como de origem do FBI. No presente documento, há a elaboração de formas de proteção de diversos bancos que poderiam estar sendo ameaçados fisicamente com o movimento *Occupy Wall Street*, que ainda estava nas ruas na época. O documento mostra que diversos órgãos e instituições como bancos, polícias locais, forças tarefas antiterrorismo, estavam aliando-se para que fosse planejado a segurança de distintos locais ao longo dos Estados Unidos (WOLF, 2012).

It was more sophisticated than we had imagined: new documents show that the violent crackdown on Occupy last fall – so mystifying at the time – was not just coordinated at the level of the FBI, the Department of Homeland Security, and local police. The crackdown, which involved, as you may recall, violent arrests, group disruption, canister missiles to the skulls of protesters, people held in handcuffs so tight they were injured, people held in bondage till they were forced to wet or soil themselves –was coordinated with the big banks themselves (WOLF, 2012).

No documento há a descrição de que o *Occupy Wall Street* se caracterizaria como um movimento com potencial criminoso e terrorista, podendo causar ataques físicos e cibernéticos as instituições que estavam sendo atingidas pelos manifestantes. Os participantes estariam sendo encorajados a usar a violência e a utilização de meios ilegais de manifestação. Descreve-se que o intuito do movimento é criar a desordem em grandes áreas urbanas, majoritariamente, em locais que houvesse instituições financeiras ou bancos. Na descrição do documento, focava-se na segurança de todo o território nacional estadunidense, que possuísse protestos do *Occupy*, e não somente em *Wall Street*. Também afirma que a segurança da população deve ser priorizada, assim como as das instituições financeiras e bancos (WOLF, 2012).

Além de todos os locais que era solicitado a proteção, os portos se encontram como regiões que demandam atenção redobrada dos oficiais. Alega-se que os portos estariam sendo fechados pelos manifestantes como represália pela forma como a

polícia estava agindo nas manifestações. Declaram ainda, que haveria uma forte ligação do OWS com os *Black Bloc*¹³ em suas ações nos protestos.

Apesar dos documentos estarem liberados para *download* na *internet*, o FBI negou qualquer relação com a proteção de instituições financeiras ou participação no assessoramento do controle das manifestações do OWS (WOLF, 2012). Não há relato também do posicionamento do governo do Estado nesse caso.

Por fim, o intuito do capítulo foi demonstrar como foi realizado alguns movimentos sociais em 2011, e a influência estatal nas atuações do movimento estadunidense. A partir da análise dos fatos que transcorreram do movimento *Occupy Wall Street*, será viável, no próximo capítulo, tornar-se claro a compreensão da peça-chave que as redes sociais foram para a realização do movimento.

¹³ Os *Black Bloc* são reconhecidos por serem um grupo de manifestantes que se vestem de preto e utilizam máscaras. Eles, usualmente, realizam protestos violentos, destruindo diversos estabelecimentos, ateando fogo e criando barricadas (JOHN, 2017).

4 PAPEL DAS REDES SOCIAIS NOS MOVIMENTOS SOCIAIS DE 2011

Os movimentos sociais que foram analisados de 2011, possuem aspectos que convergem em sua atuação, e um dos principais são as primeiras ações pelas redes sociais. As redes sociais conseguiram ampliar a sociedade internacional o papel que as manifestações estavam possuindo dentro dos Estados atuantes. Por meio deste capítulo, será possível a compreensão desse fato, e de outros, através de estudos que corroboram as características das manifestações.

4.1 Qual foi o papel das redes sociais nesses movimentos?

Apesar de todos os movimentos estarem lutando por direitos que a maioria dos Estados consideram como base de seus pilares políticos, eles só conseguiram demonstrar a sua força com maestria ao cenário internacional através da comunicação pela *internet*. Por meio de vídeos instantâneos ao vivo (denominados como “*live*”), postagens no *Twitter* (denominadas como “*Tweets*”) ou fotografias publicadas no *Facebook*. Os movimentos obtiveram a potencialização de suas ações no momento em que o sistema internacional conseguiu compreender e analisar o que realmente estava ocorrendo internamente em seus Estados. Uma vez, que por meio da mídia nacional desses países, estaria observando o olhar de pessoas que poderiam estar sendo influenciadas pelo governo estatal, estando débil a capacidade alheia de análise e compreensão dos fatos reais. Talvez, sem a ágil comunicação que a *internet* nos possibilitou, não se saberia da brutalidade que estava ocorrendo dentro do Egito, por exemplo, e como a ditadura estava suprimindo os direitos daquela população.

Com a comunicação instantânea que a *internet* reproduz, consegue-se disseminar como os movimentos estavam travando suas lutas; como foi possível instituir a movimentação social para que as manifestações iniciassem; qual foi o estopim para que as manifestações em seus países ocorressem; e qual a ideologia e as demandas que vinham da sociedade.

A partir das novas formas de protestos que surgiram em 2011, e com a esperança de que haveria a possibilidade das demandas dos cidadãos serem

escutadas também nos Estados Unidos, o movimento *Occupy Wall Street* iniciou a concretização de suas ideias para realizar uma revolução¹⁴.

4.2 Quão fundamental foram as redes sociais em 2011

Durante a análise dos fatos do OWS, Revolução de Jasmim, Revolução Egípcia e 15-M, é cabível citar que todos possuem um aspecto, ao menos, em comum. O início de suas ações foi propiciado por meio da *internet*, principalmente pelas redes sociais.

Um projeto realizado pela Universidade de Washington (PITPI)¹⁵, visa compreender como é a relação do uso da tecnologia e da política na comunidade muçulmana. Com o estudo, foi possível gerar embasamento para analisar as principais ações das atividades na Primavera Árabe por meio da *internet*. O conteúdo pode ser utilizado também nos outros movimentos que ocorreram em 2011, como o *Occupy Wall Street* e 15-M, pois há diversos aspectos que convergem nas manifestações.

Um dos primeiros pontos que foram analisados, é que a *internet* auxiliou a libertar os cidadãos que se sentiam incomodados com o seu contexto social, para que tivessem coragem de debater sobre o que sentiam que deveria ser reivindicado. Pelas redes sociais, foi possível criar conteúdos, vídeos, imagens, que abordassem questões como liberdade, revolução, política. Pautou-se assuntos para a abertura de conversas democráticas e sem discriminação, sobre temáticas que não possuíam ampla abertura de debate nos países.

Os acontecimentos estavam irrompendo em um meio de comunicação em que a sociedade não estava acostumada a debater, ou talvez, nem debatia. Mas, ao mesmo tempo, a população conseguiu se sentir confortável para fundamentar o

¹⁴ No momento em que há a referência da palavra “revolução” no texto, o embasamento não se congrega em teorias da revolução, mas sim em como os membros e fundadores do OWS denominavam as suas ações. Declaravam que uma revolução seria a mudança total das atitudes que eles consideravam errôneas provindas do governo e do sistema financeiro estadunidense (SCHWARTZ, 2011).

¹⁵ O grupo de estudos situa-se na Universidade de Washington, e se denomina como “*The project on Information Technology and Political Islam*” (PITPI). O intuito do projeto é compreender as novas formas de comunicação e interação que ocorrem na política da sociedade islâmica (HOWARD et al., 2011).

ambiente, a *internet*, e criar argumentos constatados através do seu contexto social. Por conseguinte, além da abertura de debate, foi possível o desenvolvimento de estratégias para a atuação e organização dos protestos nos países, e para que houvesse, assim, a deposição dos seus respectivos presidentes (HOWARD et al., 2011).

Os *blogs*¹⁶, além do *Facebook*, *Twitter* e *Youtube*, auxiliaram como um canal de abertura de debate para a discussão das atitudes que estavam sendo realizadas pelo governo. O *blog*, era o meio de comunicação que mais atacava as ações dos governos tunisiano e egípcio, estavam sempre disseminando duras críticas às suas atitudes. Como, nas páginas dos *blogs*, é possível não haver a identificação dos responsáveis pelo o que está sendo escrito, assim houve a viabilidade de não ocorrer censuras (HOWARD et al., 2011).

A grande repercussão que as páginas obtiveram durante as manifestações, fez com que os *blogs* escalassem suas produções após o término da Primavera Árabe. Os mesmos conseguiram obter o reconhecimento da sociedade, principalmente porque eram o único meio de comunicação que estava divulgando a censura que os cidadãos estavam recebendo, os grandes meios de comunicação em massa do país não estavam propagando e nem parecendo críticas ao governo.

Outro exemplo da liberdade de expressão que resultou das relações na *internet*, sucedeu que a voz da mulher foi ouvida e reconhecida no debate político pela sociedade. Observando através do contexto religioso em que elas estavam inseridas, isso foi um grande passo para as manifestações e para o empoderamento das manifestantes. No estudo de Howard et al. (2011), verificou-se que 33% dos *Tweets*¹⁷, que eram postados durante as revoluções no Egito, foram realizados por mulheres, e através dessas publicações, que elas conseguiram adquirir o reconhecimento como membros das manifestações.

A maioria dos participantes que iniciaram os movimentos por meio da *internet* eram jovens. O uso das tecnologias é mais frequente em suas vidas do que nas

¹⁶ *Blog* é uma página da *internet* que é constantemente atualizada, ela pode ser de um perfil pessoal ou de uma empresa. Ela serve para gerar uma comunicação com outras pessoas que tenham interesse pelos assuntos desenvolvidos pela página (MARKETING DE CONTEÚDO, 2017).

¹⁷ O *Tweet* é uma mensagem publicada em um perfil do *Twitter*, ela pode conter caracteres, fotografias, vídeos e *GIF* (TWITTER, 2018).

pessoas mais velhas. Além disso, uma pequena parcela da sociedade da Tunísia e Egito possuem o uso frequente de tecnologias em seu dia a dia. O que conseqüentemente via-se nas ruas, é que os jovens acabavam predominando como membros das manifestações.

Na ocasião em que se identificou que as relações na *internet* estavam expandindo o crescimento dos movimentos nas ruas, e culminando com sua maior força e representatividade - pois estava sendo proporcional o crescimento das manifestações nas ruas com as publicações sobre o movimento nas redes sociais¹⁸. Os governos da Tunísia e do Egito tentam obstruir o acesso às redes sociais, para que assim a comunicação e a concretização dos movimentos diminuíssem. Contudo, não foi possível acarretar esses resultados, as alianças das manifestações já estavam consolidadas, eles possuíam suporte de aliados que conseguiram desbloquear as barreiras de acesso utilizadas pelos governos (HOWARD et al., 2011).

Além disso, as tecnologias auxiliaram a comunidade internacional, para que houvesse o conhecimento instantâneo dos acontecimentos internos em cada país. Entretanto, se fosse demonstrado fragilidade por parte do governo Estatal, tunisiano ou egípcio, em enfrentar a situação que estava ocorrendo em seus países, os agentes externos poderiam atuar internamente em cada país. Como foi cogitado por diversos países a entrarem no Egito para diminuir a violência que estava predominando e resultando em pessoas feridas nas manifestações (BBC, 2011). No entanto, não há relatos de que os governos tenham solicitado auxílio externo para interromperem ou controlarem as manifestações populares.

Our evidence suggests that democracy advocates in Egypt and Tunisia used social media to connect with others outside their countries. In many cases, these connections helped inform Western news stories about events on the ground, which in turn spread news about ongoing events throughout the region. In many other cases, we find that democracy advocates in Egypt and Tunisia picked up followers in other countries, where similar democratic protests would later erupt. Ultimately, social media brought a cascade of messages about freedom and democracy across North Africa and the Middle East, and helped raise expectations for success of political uprising (HOWARD et al., 2011, p. 3).

¹⁸ Foi possível realizar essa análise através de integrações de *softwares* com o *Twitter*, e também pelos dados provindos das publicações de *hashtags* que se direcionam ao assunto das manifestações (HOWARD et al., 2011).

Mas o que vale salientar, é que as redes sociais não são meios que produziram a vontade de reivindicar por novas atitudes políticas. Elas serviram como pilar para que as ferramentas tecnológicas, como celular e computadores, fossem utilizadas para desenvolver a liberdade de expressão nos países por meio das redes sociais. Com ela foi possível que as pessoas conseguissem criar alianças no contexto social onde viviam, para poderem discutir assuntos que antes não se sentiam confortáveis em falar, por estar sendo ou se sentindo censurados.

Social media played a crucial role in the political uprising in Tunisia and Egypt. Using original data from multiple social media sources, we can offer some concrete conclusions about what that role was. First, social media played a central role in shaping political debates in the Arab spring. Second, a spike in online revolutionary conversations often preceded major events on the ground. Third, social media helped spread democratic ideas across international borders (HOWARD et al., 2011, p. 23).

4.2.1 Análise dos movimentos sociais que ocorreram em 2011

A *internet* auxiliou os manifestantes de 2011 a iniciarem as suas pautas para reivindicarem contra os seus governantes. E, também, auxiliou toda a sociedade internacional a ter a possibilidade de recebimento das informações dos acontecimentos em primeira mão, direto das fontes que estavam vivendo o dia a dia em seus países, como diria Leão (2013):

Cada um de nós pode contar sua própria história. Talvez isso fosse verdade desde sempre, porém a internet oferece a chance de que essas histórias sejam contadas sem cortes, sem edições, a partir do ponto de vista de quem viveu os eventos em primeira mão e dá a esses relatos o potencial de um público imenso (LEÃO, 2013).

Mas, a *internet* não é o único ponto de convergência que os movimentos estudados possuem. Todos os movimentos possuíam reivindicações contra as ações política-econômica de seus respectivos governos; nenhum movimento possuía um líder como unidade única, apesar do *Occupy* possuir fundadores, por exemplo; a maioria dos participantes eram predominantemente jovens; os manifestantes desejavam viver em um mundo mais igualitário, por meio de sua visão de igualdade.

As exigências dos manifestantes permeavam diversos âmbitos e aspectos das atuações dos governos. Atravessando desde questões político-econômicas, a liberdade de expressão às suas comunidades. Conforme citado no capítulo anterior,

a ocasião em que Mohamed ateia fogo ao seu corpo, como forma de protesto e reivindicação ao governo tunisiano, o “pontapé” inicial foi realizado. A partir daquele momento, houve o despertar dos cidadãos que desejavam lutar por causas que injustiçavam a sociedade tunisiana. Quando a relação da sociedade e do governo foi exposta através do vídeo em que o jovem queimava o seu próprio corpo, a sociedade se identifica com as imagens e foca a sua revolta no auxílio aos jovens que estavam iniciando o movimento nas ruas. Assim, o “efeito dominó” se alastra pelo norte da África, e em outros continentes, desencadeando em várias manifestações que transcorreram no ano de 2011.

A representação dos sentimentos que a sociedade sentia em relação aos seus governantes provinha da *internet*, e de suas experiências vividas como cidadãos dos seus países. Dizer que a contribuição das informações foi realizada por diversas pessoas que estavam vivenciando os protestos, é um argumento viável, pois a *internet* é um ambiente livre para qualquer indivíduo contribuir. Com base nisso, é possível perceber que a falta de liderança nos movimentos não resultou em adversidades para o dia a dia dos grupos. As pessoas conseguiam contribuir, visto que se sentiam pertencentes aos grupos manifestantes, e assim não havia a necessidade de representação única, de uma liderança que devesse ser seguida. Quando foi percebido que os participantes estavam sendo incorporados ao movimento - por meio das assembleias, infraestrutura, organização e no meio virtual - viu-se que não haveria a necessidade de que essa posição fosse preenchida (CASTELLS, 2012).

Outro fator a ser ponderado, é que os movimentos, pós revolução tunisiana, já possuíam grupos que lutavam previamente em seus países, para que fosse realizado mudanças nas atitudes do governo. Mesmo havendo esses grupos, e fundadores dos movimentos, eles não assumiram a posição de líderes ou representantes das manifestações. Via-se que os movimentos se caracterizavam por serem democráticos e que todos que estavam ali eram responsáveis por suas atitudes.

A maioria dos participantes que iniciaram as repercussões na *internet* eram jovens, por sua maior facilidade na utilização e acesso a *internet*. Eles conseguiram ser os precursores do movimento e demonstraram isso nas redes sociais, e nas ruas. No entanto, houve a aceitação de novos membros, o contexto em que os movimentos estavam inseridos gerava viabilidade para aceitar diferentes tipos de pessoas e suas demandas. O movimento *15-M* da Espanha, foi o país que mais demonstrou o engajamento de diferentes tipos de pessoas aos seus protestos.

Cada país possui diferentes tipos de dinâmica, em relação a liberdade de expressão da sociedade e de jornalistas. No Egito e Tunísia, as circunstâncias ditatoriais da época faziam com que seus jornais e jornalistas não tivessem a liberdade de expressão necessária, para demonstrar fatos que ocorriam no país, cabendo aos *blogs* e redes sociais difundirem informações que futuramente tornaram-se as posições dos manifestantes, por considerarem ações contraditórias por parte de seus governantes. Na Espanha e Estados Unidos, por serem países com uma estrutura democrática permeada pela liberdade de expressão, o papel jornalístico pode ser mais explorado. Na Espanha, houve uma grande influência no *15-M* através do jornal *El país*, o qual pautou suas notícias focadas nas necessidades do movimento. Acredita-se que a dimensão que o movimento atingiu foi alcançada com a ajuda da divulgação do jornal espanhol (BRUM; CARGNELUTTI, 2015). Nos Estados Unidos, a divulgação jornalística não estava sendo repercutida em grande escala, todavia quando há a divulgação de um vídeo com pessoas sendo atingidas por *spray* de pimento, por policiais em um ato pacífico, o movimento ganha reconhecimento e repercussão no âmbito nacional e internacional.

Havendo repercussão no país, as informações começam a se espalhar pelo mundo e a ganhar simpatizantes. A partir disso, o conhecimento dos fatos não está somente nas mãos do governo e dos manifestantes, e sim da sociedade internacional. A interação dos países com a conjuntura internacional, demonstrou como os interesses e a soberania nacional representam as atuações nas ambições dos demais países do globo. No momento em que houve a análise de que o presidente egípcio poderia ser deposto, a ONU, em conjunto aos seus aliados, estuda ações para intervir no Estado (BBC, 2011). Caso que não foi visto nos EUA e Espanha, suas estruturas políticas não estavam sendo atingidas, a ponto de modificar a estrutura interna do país e gerar consequências político-econômicas aos demais países.

Cada manifestação possuía as suas principais pautas de reivindicações ao governo. Contudo, não foi visto o cerceamento das pautas, a ponto de não haver discussões sobre novas abordagens de discursos nos protestos. Viu-se que a democratização do debate não permeou somente o viés de dar voz ao povo, mas, também, contextualizar diferentes tipos de discussões, para que assim todos estivessem em ambientes democráticos.

Por fim, cada país possuía seu jeito de ver a igualdade que intencionavam possuir após as manifestações. Cada um demonstrou suas insatisfações, na

conjuntura em que estavam inseridos e no que era possível realizar como ações. Com as conclusões de cada movimento, podemos dizer que alguns se sentiram mais satisfeitos com as resoluções do que outros. Assim como um dos fundadores do *Occupy* cita que não houve uma conclusão benéfica ao movimento, os manifestantes da Tunísia e Egito se sentiram satisfeitos com as quedas de seus presidentes, ali encerrava o fim de suas ditaduras. Os protestantes espanhóis viram com bons olhos a maior abertura política de seu país, e a diminuição do monopólio do bipartidarismo.

Todavia, o que podemos acentuar, é que apesar de o OWS não ter sido um sucesso, como Micah White (2017) cita. Nos EUA, houve a demonstração, a novos grupos, da possibilidade de construção de novas pautas de discussão, que conseguem ser ampliadas e atingem mais pessoas. Por sua vez, novas associações de pessoas, com outros requisitos a reivindicar, começam a ser propagadas pelo país, assim como o *Black Lives Matter*¹⁹. O *Occupy* existe até hoje, e continua lutando por suas causas. Mas acabou se dispersando dos acampamentos, no final de 2011, pelas grandes nevascas no inverno de Nova Iorque.

O legado espanhol, do *15-M*, conseguiu modificar a estrutura política do país, criticando os seus alicerces fundamentais políticos. A partir das discussões, foi possível criar um novo partido, o “*Podemos*”. Com esse partido, a sociedade conheceu novas formas de pensar e articular política, mais pessoas possuem a possibilidade de serem representadas, mais vozes poderão falar e representar a sociedade. O *15-M* não conseguiu somente uma abertura política, mas também a abertura de novas ideias a serem discutidas em prol da sociedade.

A Tunísia, o berço da Primavera Árabe, possui um marco de uma nova fase na liberdade política do país, a queda do presidente. A liberdade aumentou, mas, ao mesmo tempo, demonstrou que não possui estruturas sólidas para a eficiência política do país. Apesar de ter sido realizado as primeiras eleições livres e diretas na Tunísia, a desigualdade no Estado, o alto número de desempregados e a alta inflação, são aspectos que ainda preocupam os seus cidadãos (CHOMIAK, 2016).

No Egito, também ocorreu a queda do presidente Hosni Mubarak e a primeira eleição democrática do país. Contudo, o novo presidente é deposto através de um

¹⁹ O *Black Lives Matter Global Network* é um movimento que busca empoderar e intervir na violência que possa estar ocorrendo a comunidades negras (BLACK LIVES MATTER, 2018).

golpe militar, o que acaba culminando em uma eleição de um novo chefe militar ao governo. Além disso, a tensão no país aumenta, a desestruturação política culmina na maior atuação do ISIS no país, ainda mais com a estruturação econômica em crise (FANTZ, 2016).

Cada movimento possui, ou possuiu, diversas demandas que congregam como essenciais e necessárias a sua sociedade. Não há como afirmar que nada foi modificado e que todos os movimentos foram um fracasso, pois eles conseguiram construir em suas populações o desejo de mudança e de capacidade de atuação que poderiam estar sendo suprimidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro capítulo busca-se conceituar as ações das redes sociais com as Teorias de Susan Strange e Manuel Castells. A partir das duas teorias, que corroboram que a tecnologia está influenciando em uma nova conjuntura internacional, e ocasionando a reformulação das sociedades.

Strange congrega que a natureza das Relações Internacionais possui diversas restrições em relação a análise do contexto internacional, moldando o seu enfoque para as ações estatais. Todavia, a autora cita que há a necessidade das pautas internacionais darem foco as pessoas no sistema internacional. A partir disso, a autora explica os poderes estruturais que são utilizados para atuar nas políticas econômicas mundiais. O poder discutido no estudo, é o poder do conhecimento, esse poder faz com que haja discrepâncias nas informações recebidas, e alguns Estados possuam informações privilegiadas, por terem acesso as tecnologias, pois por meio delas que a informação é conduzida.

Castells assume que há uma Revolução da Tecnologia da Informação, e com ela a formação de redes. Essas redes são as redes que a internet constrói, a partir delas a informação é passada e assim se reconstrói, resultando em novas informações. Para o autor, as pessoas se tornaram produtores da informação, e não somente a mão de obra como foram nas Revoluções Industriais. A comunicação está surgindo através das redes mundiais de computador, e com a *internet* foi possível ter a comunicação global mediada por computadores (CMC), resultando em debates populares, que posteriormente se tornaram em mobilizações sociais transnacionais.

No segundo capítulo busca-se a compreensão de como o *Occupy Wall Street* conseguiu fundamentar as suas ações. Assim, por meio dos movimentos da Revolução Tunisiana, Revolução Egípcia e *15-M*, o *Occupy* buscou inspirações para dar os primeiros passos. Como os demais, o *Occupy* também iniciou a movimentação para chamar as pessoas as ruas por intermédio da *internet*. Com o auxílio de apoiadores, o movimento conseguiu divulgar as informações necessárias para que as pessoas comparecessem em *Wall Street*, e assim desse inicio aos protestos em 2011.

Com as atuações das manifestações nos EUA, o governo estadunidense inicia seus discursos mostrando compreensão aos manifestantes. Mas o resultado, foi

inconclusivo em relação a posição do governo estadunidense em apoio ou não ao movimento.

No último capítulo, com o auxílio de um estudo realizado pela Universidade de Washington que visa compreender as atuações na política muçulmana, foi possível compreender o papel primordial das redes sociais, para que houvesse a configuração das manifestações em 2011. A sua atuação foi possível ser confirmada por meio de dados de *softwares* que foram integrados as redes sociais que eram utilizadas nas manifestações. Assim, por conseguinte, foi viável a análise dos movimentos sociais que ocorreram em 2011, pois por meio do estudo, houve a confirmação da atuação das redes sociais como preponderante para o desenvolvimento dos protestos.

REFERÊNCIAS

ADBUSTERS. **Adbusters**. 2018. Página do Twitter do Adbusters. Disponível em: <[https://twitter.com/search?l=&q=from:adbusters since:2011-02-01 until:2012-04-01&src=typd&lang=pt](https://twitter.com/search?l=&q=from:adbusters%20since:2011-02-01%20until:2012-04-01&src=typd&lang=pt)>. Acesso em: 26 set. 2017.

ADBUSTERS. **Modernity has been a disaster for the Western Mind**. 2017. Disponível em: <<http://www.adbusters.org/article/9441/>>. Acesso em: 27 set. 2017.

ADBUSTERS. **The joyous freedom of possibility**. 2018. Disponível em: <<https://www.adbusters.org/occupywallstreet/>>. Acesso em: 25 set. 2017.

ALBERTO JUNIOR, Carlos. **Criador do Occupy Wall Street quer novo partido nos EUA e reinvenção da esquerda**. 2012. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/entrevistas/19307/criador+do+occupy+wall+street+>>. Acesso em: 30 set. 2017.

ALCAIDE, Soledad. **Movimiento 15-M: los ciudadanos exigen reconstruir la política**. 2011. Disponível em: <https://politica.elpais.com/politica/2011/05/16/actualidad/1305578500_751064.html>. Acesso em: 10 abr. 2018.

ALJAZEERA. **Timeline: Egypt's revolution**. 2011. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/01/201112515334871490.html>>. Acesso em: 04 abr. 2018.

ALMEIDA, Maria Cecília Pedreira de. Occupy:: Movimentos de protesto que tomaram as ruas. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, São Paulo, v. 18, n. 18, p.267-270,

30 jan. 2011. Disponível em:
<<http://www.revistas.usp.br/cefp/article/viewFile/55748/59163>>. Acesso em: 07 maio 2017.

ALMÉRI, Tatiana Martins et al. A Influência das Redes Sociais nas Organizações. **Revista de Administração da Fatea - Raf**, Lorena, v. 7, n. 7, p.132-146, dez. 2013. Disponível em:
<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwiKnKCW9bjSAhVJDZAKHelACMkQFgghMAA&url=http://publicacoes.fatea.br/index.php/raf/article/download/1044/814&usg=AFQjCNFPB2eMS4z_23NhTK4BdBYldtWxQA&sig2=2DHOO_db8Lgllksd4nIWtQ>. Acesso em: 20 jan. 2017.

ANONBRNEWS. **Quem somos.** Disponível em:
<<http://www.anonymousbrasil.com/sobre-anonymous/>>. Acesso em: 22 maio 2018.

AMADEO, Kimberly. **What Is the American Dream? The History That Made It Possible.** 2018. Disponível em: <<https://www.thebalance.com/what-is-the-american-dream-quotes-and-history-3306009>>. Acesso em: 22 maio 2018.

ARRAIS, Semmada. **O jasmim perfuma a Tunísia.** 2018. Disponível em:
<<https://www.cartacapital.com.br/revista/986/o-jasmim-perfuma-a-tunisia>>. Acesso em: 31 mar. 2018.

BABO, Isabel. As manifestações na Tunísia e no Egito em 2010-2011: A semântica dos acontecimentos nos media e o papel das redes digitais. **Anál. Social**, Lisboa, n. 209, p. 792-809, dez. 2013. Disponível em
<http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732013000400002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 03 abr. 2018.

BACHEGA, Hugo. **Três anos após queda de Mubarak, Egito segue dividido e imprevisível.** 2014. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/01/140124_egito_praca_tahrir_hb_lg>. Acesso em: 04 mar. 2018.

BARBOSA, Henrique Fialho. **Consequências da Revolução de Jasmim: Novas configurações de segurança no Oriente Médio.** 2011. Disponível em: <<https://www.mundorama.net/?p=7232>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

BBC. **Entenda a crise na Tunísia.** 2011. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/01/110114_tunisia_qa_rc>. Acesso em: 04 mar. 2018.

BBC. **Entenda os protestos e a crise no Egito.** 2011. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/02/110202_egito_qa_rp>. Acesso em: 30 maio 2018.

BBC. **Manifestações se espalham pela Espanha apesar de proibição.** 2011. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/05/110521_espanha_suite_ji>. Acesso em: 11 abr. 2018.

BBC. **Tunisia: President Zine al-Abidine Ben Ali forced out.** 2011. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-africa-12195025>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

BEAUGÉ, Florence. **A vida das tunisianas depois da revolução.** 2015. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/a-vida-das-tunisianas-depois-da-revolucao/>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

BELINCHÓN, Gregorio. **O anseio por um mundo melhor:** O soberbo documentário 'Another World' mostra as luzes e sombras do movimento Occupy Wall Street que, em 2011, eclodiu no EUA. 2014. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/10/cultura/1392030105_082015.html>. Acesso em: 13 mar. 2017.

BERKOWITZ, Ben; FRANCESCANI, Chris. **NY winter to test Occupy Wall St protest momentum.** 2011. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/us-protests/ny-winter-to-test-occupy-wall-st-protest-momentum-idUSTRE79J70W20111020>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

BIERUT, Michael. **The Poster that Launched a Movement (Or Not).** 2012. Disponível em: <<https://designobserver.com/feature/the-poster-that-launched-a-movement-or-not/32588>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

BINELLI, Mark. **The Battle for the Soul of Occupy Wall Street.** 2012. Disponível em: <<https://www.rollingstone.com/politics/news/the-battle-for-the-soul-of-occupy-wall-street-20120621>>. Acesso em: 03 maio 2018.

BLAS, Elsa García de; GÁLVEZ, J. Jiménez. **Os 'indignados' da Espanha avaliam seu legado quatro anos depois.** 2015. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/05/15/internacional/1431679318_951340.html>. Acesso em: 04 abr. 2018.

BORGES, Thassio. **Redes sociais foram o combustível para as revoluções no mundo árabe.** 2012. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/18943/redes+sociais+foram+o+combustivel+para+as+revolucoes+no+mundo+arabe.shtml>>. Acesso em: 25 jan. 2017.

BRISBANE, Arthur S.. **Who Is Occupy Wall Street?** 2011. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2011/11/13/opinion/sunday/who-is-occupy-wall->

street.html>. Acesso em: 07 maio 2017.

BRISBANE, Arthur S.. **Occupy Wall Street: How Should It Be Covered Now?** 2011. Disponível em: <<https://publiceditor.blogs.nytimes.com/2011/11/04/occupy-wall-street-how-should-it-be-covered-now/>>. Acesso em: 04 abr. 2018.

BRUM, Maurício Marques; CARGNELUTTI, Camila Marchesan. **Os indignados da Espanha:** um olhar sobre a cobertura e as repercussões dos atos do Movimento 15-M no diário El País. 2015. Disponível em: <www.periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/download/22681/12546>. Acesso em: 09 abr. 2018.

CARNEY, John. **Occupy Wall Street Plans a Big March for November 17.** 2011. Disponível em: <<https://www.cnbc.com/id/45289608>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

CARNEY, John. **Occupy Wall Street Seeks Winter Residence.** 2011. Disponível em: <<https://www.cnbc.com/id/45046712>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

CARVALHO, Y. C. S. A diplomacia midiática na sociedade em rede: uma análise do caso Snowden. In: C@LEA – Cadernos de Aulas do LEA, n. 4, p. 61-79, Ilhéus – BA, nov. 2015. Disponível em: <http://www.uesc.br/revistas/calea/edicoes/rev4_artigo5.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2017.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede:** Volume I. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006. 698 p.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança:** Movimentos sociais na era

da internet. Cambridge: Zahar, 2012. 271 p.

CHAPPELL, Bill. **Occupy Wall Street: From A Blog Post To A Movement**. 2011. Disponível em: <<https://www.npr.org/2011/10/20/141530025/occupy-wall-street-from-a-blog-post-to-a-movement>>. Acesso em: 29 set. 2017.

CHEN, Adrian. **Obama Weighs In on Occupy Wall Street Protests**. 2011. Disponível em: <<http://gawker.com/5847378/obama-weighs-in-on-occupy-wall-street-protests?tag=occupy-wall-street>>. Acesso em: 03 maio 2018.

CHOMIAK, Laryssa. **Five years after the Tunisian revolution, political frustration doesn't diminish progress**. 2016. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/monkey-cage/wp/2016/01/14/five-years-after-the-tunisian-revolution/?noredirect=on&utm_term=.06c48b781039>. Acesso em: 10 jun. 2018.

CILLIZZA, Chris. **What Occupy Wall Street meant (or didn't) to politics**. 2013. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2013/09/17/what-occupy-wall-street-meant-or-didnt-to-politics/?utm_term=.77464c44b8cc>. Acesso em: 08 maio 2018.

COHEN, Steven. **The Political Impact of Occupy Wall Street**. 2011. Disponível em: <https://www.huffingtonpost.com/steven-cohen/the-political-impact-of-o_b_1015253.html>. Acesso em: 07 maio 2018.

COX, Ana Marie. **Occupy Wall Street: Barack Obama's cautious engagement**. 2011. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/ana-marie-cox-blog/2011/oct/17/occupy-wall-street-barack-obama>>. Acesso em: 08 maio 2018.

COX, Robert W.. Social Forces, States and World Orders: Beyond International Relations Theory. **Millenium: Journal Of International Studies**. Toronto, p. 126-155.

DELUCA, Matt; BOYLE, Christina. Wall Street protesters cuffed, pepper-sprayed during 'inequality' march. 2011. Disponível em: <<http://www.nydailynews.com/news/national/wall-street-protesters-cuffed-pepper-sprayed-inequality-march-article-1.953939>>. Acesso em: 25 set. 2017.

DEVEREAUX, Ryan. **Occupy Wall Street demonstrators march to protest against police violence.** 2012. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2012/mar/25/occupy-wall-street-protest-police>>. Acesso em: 19 abr. 2018.

DICKINSON, Tim. **Obama, Occupy Wall Street and the Rebirth of the Left.** 2011. Disponível em: <<https://www.rollingstone.com/politics/news/obama-and-the-rebirth-of-the-left-20111018>>. Acesso em: 02 maio 2018.

DOWELL, Ben. **BBC Trust: coverage of Arab Spring needed more 'breadth and context'.** 2012. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/media/2012/jun/25/bbc-trust-coverage-arab-spring>>. Acesso em: 25 maio 2018.

EIFLING, Sam. **Adbusters' Kalle Lasn Talks About OccupyWallStreet:** The veteran culture-jammer on his role in getting the protest rolling, magic memes, what he would demand, and more.. 2011. Disponível em: <<https://thetyee.ca/News/2011/10/07/Kalle-Lasn-Occupy-Wall-Street/>>. Acesso em: 25 set. 2017.

ENGAGEMENT, Center For Comunication e Civic. **The Project on Information Technology and Political Islam.** Disponível em: <<http://ccce.com.washington.edu/projects/pitpi.html>>. Acesso em: 02 jun. 2018.

FANTZ, Ashley. **Egypt's long, bloody road from Arab Spring hope to chaos.** 2016. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2016/04/27/middleeast/egypt-how-we-got-here/index.html>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

FARAGO, Jason. **Occupy Wall Street: more than the sum of its demands.** 2011. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/cifamerica/2011/oct/05/occupy-wall-street-demands>>. Acesso em: 22 maio 2018.

FERNÁNDEZ-SAVATER, Amador. **El papel del movimiento 15-M en los orígenes de Occupy Wall Street.** 2013. Disponível em: <https://www.eldiario.es/interferencias/15-M-Occupy_Wall_Street_6_132346774.html>. Acesso em: 18 abr. 2018.

FINO, Nando di. **Obama Compares Occupy Wall St. To Tea Party: 'I Understand The Frustrations'.** 2011. Disponível em: <<https://www.mediaite.com/tv/obama-compares-occupy-wall-st-to-tea-party-i-understand-the-frustrations/>>. Acesso em: 03 maio 2018.

FLOCK, Elizabeth. **Occupy Wall Street Protesters Targeting Obama At Democratic Convention.** 2012. Disponível em: <<https://www.usnews.com/news/blogs/washington-whispers/2012/07/31/occupy-wall-street-protesters-targeting-obama-at-democratic-convention->>. Acesso em: 05 maio 2018.

FONSECA, Francisco C. P.. **MÍDIA E DEMOCRACIA: FALSAS CONFLUÊNCIAS. Rev. Sociol. Polít.,** Curitiba, n. 22, p.13-24, jun. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n22/n22a03.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2017.

FÓRUM. **O que o Brasil pode aprender com o movimento 15M.** 2013. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/o-que-o-brasil-pode-aprender-com-o-movimento-15m/>>. Acesso em: 09 jun. 2018.

FRANK, Justin. **Why Obama Can't Embrace Occupy Wall Street.** Disponível em: <<http://ideas.time.com/2011/11/30/why-obama-cant-embrace-occupy-wall-street/>>. Acesso em: 07 maio 2018.

FUND, Partnership For Civil Justice. **FBI Documents Reveal Secret Nationwide Occupy Monitoring.** 2012. Disponível em: <http://www.justiceonline.org/fbi_files_ows>. Acesso em: 07 maio 2018.

GABBATT, Adam. **Occupy Wall Street: protests and reaction – Thursday 6 October 2011.** 2011. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/blog/2011/oct/06/occupy-wall-street-protests-live>>. Acesso em: 08 maio 2018.

GANDHIKINGMINDSET. **Forum Post: PROPOSED LIST OF DEMANDS (please help edit/add so this can be submitted for consideration to those maintaining the official list).** 2011. Disponível em: <<https://occupywallst.org/forum/proposed-list-of-demands-please-help-editadd-so-th>>. Acesso em: 25 set. 2017.

GAUTNEY, Heather. **What is Occupy Wall Street? The history of leaderless movements.** 2011. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/national/on-leadership/what-is-occupy-wall-street-the-history-of-leaderless-movements/2011/10/10/gIQAwkFjaL_story.html?utm_term=.c4d8b609703d>. Acesso em: 01 abr. 2017.

GAUTNEY, Heather. **Why Occupy Wall Street wants nothing to do with our**

politicians. 2011. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/national/on-leadership/why-occupy-wall-street-wants-nothing-to-do-with-our-politicians/2011/10/21/gIQAc2wT3L_story.html?tid=a_inl&utm_term=.17ffb5f377c7>. Acesso em: 04 abr. 2018.

GERSON, Michael. **Obama's risky embrace of Occupy Wall Street.** 2011. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/opinions/obamas-risky-embrace-of-occupy-wall-street/2011/10/19/glQA2pQf1L_story.html?utm_term=.a8277b352fa3>. Acesso em: 03 maio 2018.

GLOBO, O. **Tunísia: o berço da Primavera Árabe.** 2015. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/tunisia-berco-da-primavera-arabe-17733824>>. Acesso em: 04 mar. 2018.

GOODMAN, Amy. **Occupy Wall Street protesters follow Martin Luther King's arc of justice.** 2011. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/cifamerica/2011/oct/20/martin-luther-king-protest>>. Acesso em: 07 maio 2018.

GOODMAN, Amy. **What Occupy Wall Street can do for Barack Obama.** 2011. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/cifamerica/2011/oct/12/occupy-wall-street-barack-obama>>. Acesso em: 03 maio 2018.

GOODMAN, Amy. **Why 'Occupy Wall Street' makes sense.** 2011. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/cifamerica/2011/sep/21/occupy-wall-street-amy-goodman>>. Acesso em: 24 set. 2017.

GRAEBER, David. **Occupy Wall Street rediscovers the radical imagination.** 2011. Disponível em:

<<https://www.theguardian.com/commentisfree/cifamerica/2011/sep/25/occupy-wall-street-protest>>. Acesso em: 28 set. 2017.

GRAHAM-HARRISON, Emma. **Anger that drove the Arab spring is flaring again.** 2018. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2018/jan/21/is-a-new-arab-spring-under-way-tunisia-riots>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

GRAHAM-HARRISON, Emma. **Violence flares after Tunisians rally to mark revolution's anniversary.** 2018. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2018/jan/14/tunisian-government-plans-social-reforms-after-week-of-unrest>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

GRAÇA, Eduardo. **Obama, ex-herói.** 2012. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/internacional/obama-ex-heroi>>. Acesso em: 08 maio 2018.

GREEN, Duncan. **What caused the revolution in Egypt?** 2011. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/global-development/poverty-matters/2011/feb/17/what-caused-egyptian-revolution>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

GRILLO, Cristina et al. **A Primavera das Mulheres.** 2015. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/11/primavera-das-mulheres.html>>. Acesso em: 27 dez. 2016.

GUARDIAN, The. **Occupy Wall Street: the story behind seven months of protest.** 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KFOWci6yrSs>>. Acesso em: 28 set. 2017.

GUARDIAN, The. **The Guardian view on the Arab spring: it could happen again.** 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2017/jan/02/the-guardian-view-on-the-arab-spring-it-could-happen-again>>. Acesso em: 25 maio 2018.

GUARDIAN, The. **99% v 1%: the data behind the Occupy movement | Guardian Animations.** 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DxvVZe2fnvl>>. Acesso em: 28 jul. 2017.

G1. **Analistas comparam protestos no Brasil a 'Occupy Wall Street'.** 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/analistas-comparam-protestos-no-brasil-occupy-wall-street.html>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

G1. **Entenda a crise que levou à queda de Hosni Mubarak.** 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/crise-no-egito/noticia/2011/08/entenda-crise-que-levou-queda-de-hosni-mubarak-x.html>>. Acesso em: 04 mar. 2018.

G1. **Milhares de pessoas participam de manifestações na Espanha.** 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/10/milhares-de-pessoas-participam-de-manifestacoes-na-espanha.html>>. Acesso em: 11 abr. 2018.

HALPER, Daniel. **Obama on Occupy Wall Street: 'We Are on Their Side'.** Disponível em: <<http://www.weeklystandard.com/obama-on-occupy-wall-street-we-are-on-their-side/article/598251>>. Acesso em: 03 maio 2018.

HARRIS, Paul. **Occupy Wall Street: the protesters speak:** The anti-capitalist protesters who have set up camp in lower Manhattan are becoming a fixture of the area. 2011. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/blog/2011/sep/21/occupy-wall-street-protests>>. Acesso em: 25 set. 2017.

HERTSGAARD, Mark. **'Occupy Wall Street' and Obama**. 2011. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2011/11/2011119111716934927.html>>. Acesso em: 03 maio 2018.

HICKEY, Dona J.. **Livros no Google Play Identity and Leadership in Virtual Communities: Establishing Credibility and Influence: Establishing Credibility and Influence**. Hershey: Igi Global, 2014. 321 p. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=Gv2WBQAAQBAJ&pg=PA34&lpg=PA34&dq=hashtag+jan+25&source=bl&ots=tjLIM1tT_-&sig=j7dP62NtIsIf9NH3KRy_DYo4PXw&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjpxMXTh-jbAhWGi5AKHSp1D2oQ6AEIdTAP#v=onepage&q=hashtag jan 25&f=false](https://books.google.com.br/books?id=Gv2WBQAAQBAJ&pg=PA34&lpg=PA34&dq=hashtag+jan+25&source=bl&ots=tjLIM1tT_-&sig=j7dP62NtIsIf9NH3KRy_DYo4PXw&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjpxMXTh-jbAhWGi5AKHSp1D2oQ6AEIdTAP#v=onepage&q=hashtag%20jan%2025&f=false)>. Acesso em: 22 maio 2018.

HOGUE, Kat Keene. **Occupy Wall Street: the story behind seven months of protest – video**. 2012. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/video/2012/apr/13/occupy-seven-months-of-protest-video>>. Acesso em: 30 maio 2018.

HOWARD, Philip N. et al. **Opening Closed Regimes: What Was the Role of Social Media During the Arab Spring?**. 2011. Disponível em: <https://deepblue.lib.umich.edu/bitstream/handle/2027.42/117568/2011_Howard-Duffy-Freelon-Hussain-Mari-Mazaid_PITPI.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 maio 2018.

HUFFPOST. **David Plouffe Talks Occupy Wall Street, GOP New Hampshire Debate, Obama 2012 Campaign.** 2011. Disponível em: <https://www.huffingtonpost.com/entry/david-plouffe-obama-occupy-wall-street_n_1004926.html>. Acesso em: 05 maio 2018.

HUFFPOST. **Occupy Wall Street Protester Delivers Statement To Obama (PHOTOS).** 2011. Disponível em: <https://www.huffingtonpost.com/entry/occupy-wall-street-protester-obama_n_1108628.html?slideshow=true>. Acesso em: 05 maio 2018.

HUFFPOST. **Occupy Wall Street Protesters Fed Up With Both Parties.** 2011. Disponível em: <https://www.huffingtonpost.com/entry/occupy-wall-street-protesters_n_999289.html>. Acesso em: 05 maio 2018.

JOHN, Paige St.. **Inside the black bloc militant protest movement as it rises up against Trump.** 2017. Disponível em: <<http://www.latimes.com/local/lanow/la-me-black-bloc-20170212-story.html>>. Acesso em: 02 maio 2018.

JOHNSON, Luke. **Obama: Occupy Wall Street 'Not That Different' From Tea Party Protests.** 2011. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/entry/obama-occupy-wall-street-tea-party_n_1017962>. Acesso em: 05 maio 2018.

JONAS. **A silenciosa expansão do movimento 15-M.** 2012. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/?catid=0&id=509297>>. Acesso em: 11 abr. 2018.

KANTER, Beth; FINE, Allison H.; ZUCKERBERG, Andi. **Mídias Sociais Transformadoras: Ação e mudança no terceiro setor.** São Paulo: Évora, 1957. 240 p.

KASTE, Martin. **Exploring Occupy Wall Street's 'Adbuster' Origins.** 2011. Disponível em: <<https://www.npr.org/2011/10/20/141526467/exploring-occupy-wall-streets-adbuster-origins>>. Acesso em: 25 set. 2017.

KAZMI, Ayesha. **How Anonymous emerged to Occupy Wall Street.** 2011. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/cifamerica/2011/sep/27/occupy-wall-street-anonymous>>. Acesso em: 22 maio 2018.

KNELL, Yolande. **Egypt's revolution: 18 days in Tahrir Square.** 2012. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-middle-east-16716089>>. Acesso em: 04 abr. 2018.

KOHN, Sally. **'Occupy Wall Street' -- It's Not What They're for, But What They're Against.** 2011. Disponível em: <<http://www.foxnews.com/opinion/2011/10/14/understanding-occupy-wall-street.html>>. Acesso em: 09 abr. 2017.

LALINDE, Jaime et al. **REVOLUTION NUMBER 99.** 2012. Disponível em: <<https://www.vanityfair.com/news/2012/02/occupy-wall-street-201202>>. Acesso em: 25 maio 2018.

LANDLER, Mark. **Protests Offer Obama Opportunity to Gain, and Room for Pitfalls.** 2011. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2011/10/07/us/politics/occupy-wall-street-protests-offer>>

obama-opportunity-and-threats.html?module=ArrowsNav&contentCollection=Politics&action=keypress&ion=FixedLeft&pgtype=article>. Acesso em: 05 maio 2018.

LEONHARDT, Megan. **The Lasting Effects of Occupy Wall Street, Five Years Later**. 2016. Disponível em: <<http://time.com/money/4495707/occupy-wall-street-anniversary-effects/>>. Acesso em: 07 maio 2018.

LEÃO, Debora. **A Revolução de Jasmim e a criação de uma cultura digital na Tunísia**. 2013. Disponível em: <<http://blog.pucsp.br/culturadigitalri/?p=116>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

LERINA, Roger. **Filme tunisiano "Assim que Abro Meus Olhos" lembra vésperas da Primavera Árabe**. 2017. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/cinema/noticia/2017/01/filme-tunisiano-assim-que-abro-meus-olhos-lembra-vesperas-da-primavera-arabe-9327629.html>>. Acesso em: 31 mar. 2018.

LIMA, Venício A. de. Os mídia e o cenário de representação política. **Lua Nova**, São Paulo, v. 96, n. 38, p.239-271, dez. 1996. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451996000200012>. Acesso em: 15 fev. 2017.

MCCORMACK, Simon. **Occupy Wall Street Crackdowns: Was The Federal Government Involved?** 2011. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/entry/occupy-wall-street-crackdowns_n_1101685>. Acesso em: 08 maio 2018.

MACNICOL, Glynnis. **Obama Is Playing A Very Dangerous Game Supporting 'Occupy Wall Street'**. 2011. Disponível em: <<http://www.businessinsider.com/obama-supporting-ows-movement-2011-10>>. Acesso em: 07 maio 2018.

MANETTO, Francesco; BENGUA, Aitor; TERUEL, Ana. El 15-M celebra su aniversario al margen de los partidos. 2016. Disponível em: <https://politica.elpais.com/politica/2016/05/15/actualidad/1463322509_340312.html>. Acesso em: 10 abr. 2018.

MARCUS, Ben. **Youth Movements in Egypt**. 2018. Disponível em: <<https://rlp.hds.harvard.edu/faq/youth-movements-egypt>>. Acesso em: 04 abr. 2018.

MAINIERI, Tiago; RIBEIRO, Eva Márcia Arantes Ostrosky. A comunicação pública como processo para o exercício da cidadania: o papel das mídias sociais na sociedade in Maria. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ci. Inf.**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, p.71-81, abr. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v30n1/a09v30n1>>. Acesso em: 27 jan. 2017.

MANFREDA, Primoz. **What Is the Arab Spring?** 2018. Disponível em: <<https://www.thoughtco.com/definition-of-the-arab-spring-2353029>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

MANFREDA, Primoz. **8 Countries That Had Arab Spring Uprisings**. 2017. Disponível em: <<https://www.thoughtco.com/arab-spring-uprisings-2353039>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

MARINUCCI, Raquel Boing. Relações internacionais e mídia. **Univ. Rel. Int.**, Brasília, v. 6, n. 1, p.43-52, jun. 2008.

MARKETINGDECONTEÚDO. **Você sabe o que são blogs e como eles surgiram? Descubra agora!** 2017. Disponível em: <<https://marketingdeconteudo.com/o-que-e-blog/>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

MARS, Amanda. **La alcaldesa del 15-M visita al alcalde de Ocupa Wall Street.** 2016. Disponível em: <https://politica.elpais.com/politica/2016/05/15/actualidad/1463334764_497072.html>. Acesso em: 11 abr. 2018.

MARTELETO, Reg Arrais, César Henrique. A mídia das relações internacionais: aproximações epistemológicas. 2014. 34 f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Relações Internacionais)—Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/7926>>. Acesso em: 04 jan. 2017.

MATTER, Black Lives. **About.** Disponível em: <<https://blacklivesmatter.com/about/>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

MCVEIGH, Karen; GABBATT, Adam. **Occupy day of action brings clashes and arrests in New York.** 2011. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2011/nov/17/occupy-day-of-action-new-york-arrests>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

MCVEIGH, Karen. **Occupy Wall Street: bishop calls economic gap 'morally wrong'.** 2011. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2011/nov/17/new-york-bishop-occupy-wall-street>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

MCVEIGH, Karen. **Wall Street protest movement spreads to cities across US, Canada and Europe.** 2011. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2011/oct/04/wall-street-protest-movement-spreads>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

MCVEIGH, Karen. **Wall Street protesters: over-educated, under-employed and angry:** Inspired by Tahrir Square, those who gathered in lower Manhattan are keen to mount a more permanent protest at corporate influence in US politics. 2011. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2011/sep/19/wall-street-protesters-angry>>. Acesso em: 24 set. 2017.

MEDEIROS, Jackson da Silva. Considerações sobre a esfera pública: redes sociais na internet e participação política. **Transinformação**, Campinas, v. 25, n. 1, p.27-33, abr. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tinf/v25n1/a03v25n1.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2017.

MELLO, Maria Clara Sant'anna de. **A importância da "Revolução de Jasmim"**. 2012. Disponível em: <<http://conflitosinternacionais.blogspot.com/2012/06/importancia-da-revolucao-de-jasmim.html>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

NAIB, Fatma. **Women of the revolution.** 2011. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/indepth/features/2011/02/2011217134411934738.html>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

NEW, Catherine. **Bank Transfer Day: Small Protests, Big Changes.** 2011. Disponível em: <<https://www.aol.com/2011/11/07/bank-transfer-day-small-protests-big-changes/>>. Acesso em: 19 abr. 2018.

NIEDOWSKI, Erika. **Occupy Wall Street Protesters Prepare For Winter Weather [LIVE UPDATES].** 2011. Disponível em: <https://www.huffingtonpost.com/2011/10/28/occupy-wall-street-protos_n_1063891.html>. Acesso em: 18 abr. 2018.

NIETO, Álvaro. **Ascensão de novos partidos leva a queda histórica de legendas tradicionais na Espanha.** 2018. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/13/internacional/1526222522_428410.html>. Acesso em: 20 jun. 2018.

MIRKINSON, Jack. **Occupy Wall Street November 17: Journalists Arrested, Beaten By Police.** 2012. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/entry/occupy-wall-street-nov-17-journalists-arrested-beaten_n_1099661>. Acesso em: 18 abr. 2018.

OCCUPYWALLSTREET. **About.** 2011. Descrição do movimento Occupy Wall Street. Disponível em: <<http://occupywallst.org/about/>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

OCCUPYWALLST. **August 2nd General Assembly on Wall Street.** 2011. Disponível em: <https://occupywallst.org/forum/august_2nd_wall_street_assembly/>. Acesso em: 28 set. 2017.

OCCUPYWALLST. **Everyone has the Right to Occupy Space, Safely.** 2011. Disponível em: <<http://occupywallst.org/article/everyone-has-right-occupy-space-safely/>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

OCCUPYWALLST. **The End of Protest: A New Playbook for Revolution from the co-creator of Occupy Wall Street.** 2016. Disponível em: <<http://www.occupywallst.org/>>. Acesso em: 25 set. 2017.

OLIVEIRA, Rafael Santos de. O soft power das novas mídias nas Relações Internacionais. **Cadernos Adenauer Xv**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, p.45-67, dez. 2014. Disponível em: <<http://www.kas.de/wf/doc/16472-1442-5-30.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

PELLEGRINI, Marcelo. "**A democracia está em crise porque o dinheiro controla governos**". 2015. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/a-democracia-esta-em-crise-porque-o-dinheiro-controla-governos-7013.html>>. Acesso em: 28 set. 2017.

PEPITONE, Julianne. **Thousands of protesters to 'Occupy Wall Street' on Saturday**. 2012. Disponível em: <http://money.cnn.com/2011/09/16/technology/occupy_wall_street/>. Acesso em: 25 set. 2017.

PERCENT, We Are The 99. **WE ARE THE 99 PERCENT**. 2013. Página do Tumblr do We Are The 99 Percent. Disponível em: <<http://wearethe99percent.tumblr.com/>>. Acesso em: 23 set. 2017.

PEREIRA, Carolina Lima Silva. Redes sociais como palco da participação política no Egito. Ouro Preto, p.01-14, jun. 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-digital/redes-sociais-como-palco-da-participacao-politica-no-egito>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

PEREIRA, Jesus Marmanillo. CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 271 p. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 21, n. 44, p. 407-410, dez. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832015000200407&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 jun. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832015000200019>.

PEREIRA, Marcus Abílio. Internet e mobilização política: os movimentos sociais na era digital. **Compólitica**, Rio de Janeiro, p.01-26, abr. 2011. Disponível em: <<http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2011/03/Marcus-Abilio.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

PIVEN, Ben. **Occupy Wall Street: All day, all week:** Activist and author Kalle Lasn shares the revolutionary fervour behind a growing US anti-corporate protest movement.. 2011. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/indepth/features/2011/10/20111078196449621.html>>. Acesso em: 27 set. 2017.

PRESTON, Jennifer. **Protesters Look for Ways to Feed the Web.** 2011. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2011/11/25/business/media/occupy-movement-focuses-on-staying-current-on-social-networks.html>>. Acesso em: 22 maio 2018.

PRESSE, France. **"Revolução de Jasmin" ganha adeptos em todo mundo árabe.** 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/01/revolucao-de-jasmin-ganha-adeptos-em-todo-mundo-arabe.html>>. Acesso em: 31 mar. 2018.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. 277 p. Disponível em: <[http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book Metodologia do Trabalho Cientifico.pdf](http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf)>. Acesso em: 15 set. 2016.

REVG33K. **Forum Post: First OFFICIAL Release from OCCUPY WALL STREET.** 2011. Disponível em: <<http://occupywallst.org/forum/first-official-release-from-occupy-wall-street/>>. Acesso em: 22 set. 2017.

REVOLUTION, Movimiento Indignados Spanish. **Como nació el movimiento 15 M.** 2011. Disponível em: <<https://movimientoindignadosspanishrevolution.wordpress.com/como-nacio-el-movimiento-15-m/>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

ROBLEDO, Pedro. **Las frases y lemas del Movimiento 15M más utilizados.** 2013. Disponível em: <<http://www.movimiento15m.org/2013/07/las-frases-y-lemas-del-movimiento-15m.html>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

ROBLEDO, Pedro. **Portadas del Movimiento 15M en la prensa internacional.** 2013. Disponível em: <<http://www.movimiento15m.org/2013/07/portadas-del-movimiento-15m-en-la.html>>. Acesso em: 11 abr. 2018.

ROBLEDO, Pedro. **¿Cómo surgió el Movimiento 15M?** 2013. Disponível em: <<http://www.movimiento15m.org/2013/07/como-surgio-el-movimiento-15m.html>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

ROBLEDO, Pedro. **¿Qué propone el Movimiento 15M? El programa político de los indignados.** 2013. Disponível em: <<http://www.movimiento15m.org/2013/07/que-propone-el-movimiento-15m-el.html>>. Acesso em: 11 abr. 2018.

ROCHA, Maria Célia Furtado; PEREIRA, Gilberto Corso. MÍDIAS SOCIAIS E ESPAÇOS DE PARTICIPAÇÃO. **Simsocial**, Salvador, p.01-15, out. 2011. Disponível em: <<http://gitsufba.net/simposio/wp-content/uploads/2011/09/Midias-Sociais-e-Espacos-de-Participacao-ROCHA-Maria-PEREIRA-Gilberto.pdf>>. Acesso em: 09 jan. 2017.

RODRIGUES, Jason. **Egypt's protests against the ruling regimes – timeline.** 2013. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2013/aug/14/egypt-protests-regimes-timeline>>. Acesso em: 04 abr. 2018.

ROHR, Altieres. **Saiba como o Egito se desligou da web, e o que é feito para furar bloqueio.** 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2011/02/saiba-como-o-egito-se-desligou-da-web-e-o-que-e-feito-para-furar-bloqueio.html>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

ROSA, Anthony de. **Don't dismiss the Wall Street occupation**. 2011. Disponível em: <<http://blogs.reuters.com/anthony-derosa/2011/09/26/dont-dismiss-the-wall-street-occupation/>>. Acesso em: 28 set. 2017.

SABA, Michael. **Wall Street protesters inspired by Arab Spring movement**. 2011. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2011/09/16/tech/social-media/twitter-occupy-wall-street/>>. Acesso em: 25 set. 2017.

SALIM, Marcel. **10 manifestações violentas que marcaram o ano de 2011**. 2016. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/mundo/10-manifestacoes-violentas-que-marcaram-o-ano-de-2011/>>. Acesso em: 11 abr. 2018.

SANTOS, Marcos Moura Baptista dos. **Sociedade em rede e modo de desenvolvimento informacional: descrições sociológicas da sociedade contemporânea sob o capitalismo avançado**. Disponível em: <http://devotuporanga.edunet.sp.gov.br/OFICINA/geografia-Sociedade_Redeparadigma.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2018.

SCHNEIDER, Nathan. **Occupy Wall Street: FAQ: How it came about, what it means, how it works and everything else you need to know about Occupy Wall Street.** 2011. Disponível em: <<https://www.thenation.com/article/occupy-wall-street-faq/>>. Acesso em: 27 set. 2017.

SCHOOL, Harvard Divinity. **Hosni Mubarak**. Disponível em: <<https://rlp.hds.harvard.edu/faq/hosni-mubarak>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

SHARLET, Jeff. **Inside Occupy Wall Street**. 2011. Disponível em: <<https://www.rollingstone.com/politics/news/occupy-wall-street-welcome-to-the->

occupation-20111110>. Acesso em: 03 maio 2018.

SHENKER, Jack; GABBATT, Adam. **Tahrir Square protesters send message of solidarity to Occupy Wall Street.** 2011. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2011/oct/25/egyptian-protesters-occupy-wall-street>>. Acesso em: 08 maio 2018.

SILVEIRA, Lia Saraiva. **A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA ARENA POLÍTICA:** Uma Análise do Governo Chávez (1999-2010). 2010. 54 f. Monografia (Especialização) - Curso de Relações Internacionais, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2010. Disponível em: <<http://ufr.br/relacoesinternacionais/index.php/monografias-menu?download=63:monografia-lia-silveira>>. Acesso em: 18 jan. 2017.

SLATER, Alex. **Occupy Wall Street: real change requires political embrace.** 2011. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/cifamerica/2011/oct/20/occupy-wall-street-barack-obama>>. Acesso em: 05 maio 2018.

ST, Occupy Wall. **Protests won't stop Trump. We need a movement that transforms into a party.** 2017. Disponível em: <<http://occupywallst.org/>>. Acesso em: 19 abr. 2017.

STRANGE, Susan. **States and Markets.** 2. ed. Londres: Pinter, 1988. 266 p.

STREET, Occupy Wall. **ABOUT OWS NEW YORK CITY GENERAL ASSEMBLY CONSENSED DOCUMENTS.** 2011. Disponível em: <<http://occupywallstreet.net/learn>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

STUTTLE, John. **Wall Street protest: anti-capitalists on the march - in pictures:** Thousands of anti-capitalist demonstrators took to the streets of Lower Manhattan on Sunday 18 September vowing to occupy Wall Street and 'bring justice to the bankers'. 2011. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/gallery/2011/sep/19/wall-street-anti-capitalist-protest>>. Acesso em: 24 set. 2017.

S.PAULO, O Estado de. A queda de Mubarak. 2011. Disponível em: <<https://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,a-queda-de-mubarak-imp-,678563>>. Acesso em: 04 abr. 2018.

TABBARA, Acil. **MUNDO Revolução de Jasmim ganha adeptos no mundo árabe.** 2011. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/mundo/revolucao-de-jasmim-ganha-adeptos-no-mundo-arabe/>>. Acesso em: 31 mar. 2018.

TARDÁGUILA, Cristina. **Protestos se espelham no Movimento 15M da Espanha.** 2014. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/protestos-se-espelham-no-movimento-15m-da-espanha-12491145>>. Acesso em: 11 abr. 2018.

TAVARES, Gilead Marchezi; SILVA, Gustavo Roberto da; CAPELINI, Thalita Calmon. Occupy Everything!: uma análise de manifestações sociais mundo afora ocorridas no ano de 2011 – seus panoramas políticos e modos de instrumentalização. **Psicologia Política**, São Paulo, v. 14, n. 30, p.243-261, 30 ago. 2014. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v14n30/v14n30a03.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

TELEGRAPH, The. **Tunisia since the Arab Spring: timeline.** 2015. Disponível em: <<https://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/africaandindianocean/tunisia/11480587/Tunisia-since-the-Arab-Spring-timeline.html>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

THE WEEK. **Occupy Wall Street: A protest timeline.** 2011. Disponível em: <<http://theweek.com/articles/481160/occupy-wall-street-protest-timeline>>. Acesso em:

19 abr. 2018.

THE 99%. **Occupy Wall Street Media**. 2012. Disponível em: <<https://www.kickstarter.com/projects/610964639/occupy-wall-street-media>>. Acesso em: 25 set. 2017.

TIMES, Los Angeles. **Occupy Seattle protests beset first by rain, now by loss of tents**. 2011. Disponível em: <<http://latimesblogs.latimes.com/nationnow/2011/10/occupy-seattle-police-dismantle-tents.html>>. Acesso em: 04 maio 2018.

TIMES, Los Angeles. **Occupy Wall Street has company in Washington, D.C.** 2011. Disponível em: <<http://latimesblogs.latimes.com/nationnow/2011/10/occupy-wall-street-occupy-dc.html>>. Acesso em: 05 maio 2018.

TIMES, Los Angeles. **Wall Street, slammed by protests, may soon feel job-loss pain**. 2011. Disponível em: <<http://latimesblogs.latimes.com/nationnow/2011/10/occupy-wall-street-job-losses.html>>. Acesso em: 04 maio 2018.

TOSTES, Ana Paula Balthazar; SILVA, Lucca Viersa Barros. Das praças para as urnas:: movimentos dos Indignados e Occupy Wall Street. **Mural Internacional**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p.245-260, 30 dez. 2015. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/muralinternacional/article/view/23761/17732>>. Acesso em: 17 abr. 2017.

TWITTER. **Central de Ajuda**. [21-]. Central de Ajuda do Twitter. Disponível em: <<https://help.twitter.com/pt/using-twitter/how-to-use-hashtags>>. Acesso em: 30 maio 2018.

TWITTER. **Sobre diferentes tipos de Tweets.** [21-].Disponível em: <<https://help.twitter.com/pt/using-twitter/types-of-tweets>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

UCHOA, Pablo. **O que o movimento 'Occupy' tem a ver com os protestos no Brasil?** 2013. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/06/130625_impacto_occupy_gm>. Acesso em: 25 maio 2018.

UNISINOS, Instituto Humanitas. **Como sobreviver na era do Twitter.** 2012. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/507305-como-sobreviver-na-era-do-twitter>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

UNISINOS, Instituto Humanitas. **Criador do Occupy Wall Street diz que "a magia acabou".** 2012. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/513372-criador-do-occupy-wall-street-diz-que-qa-magia-acabouq>>. Acesso em: 29 set. 2017.

URITY, Caroline Rangel Travassos. A influência da mídia nas relações internacionais: um estudo teórico a partir do conceito de diplomacia midiática. **Contemporânea**, Campina Grande, v. 1, n. 21, p.167-179, dez. 2013.

VIEIRA, Wilson Roberto. **Resumo do Livro: A SOCIEDADE EM REDE.** 2008. Disponível em: <http://www.infojur.ufsc.br/aires/arquivos/Resumo_A_Sociedade_em_Rede_-_Wilson.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2018.

ZANETTI, Lucas Arantes et al. Movimentos sociais e internet: uma análise sobre as manifestações de 2013 no Brasil. **X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã e V Conferência Sul-americana de Mídia Cidadã**, Bauru, p.01-05, abr. 2015. Disponível em: <<http://www.unicentro.br/redemc/2015/anais/DT6/DT6-5.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2017.

ZH, Gaúcha. **Há 5 anos, a revolução na Tunísia dava início à Primavera Árabe.** 2016. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2016/01/ha-5-anos-a-revolucao-na-tunisia-dava-inicio-a-primavera-arabe-4950861.html>>. Acesso em: 04 mar. 2018.

ZH, Gaúcha. **Veja as principais datas do Egito, da revolta à queda de Mubarak em 2011.** 2018. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/mundo/noticia/2018/03/veja-as-principais-datas-do-egito-da-revolta-a-queda-de-mubarak-em-2011-cjf8l6k0b005s01qblan4bgrw.html>>. Acesso em: 04 mar. 2018.

WANTA, Wayne; GOLAN, Guy; LEE, Cheolhan. Agenda setting and international news: media influence on public perceptions of foreign nations. **Journalism And Mass Communication Quarterly**, Ann Arbor, v. 81, n. 2, p.364-377, nov. 2004.

WEDES, Justin. **Occupy Wall Street, two years on: we're still the 99%.** 2013. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2013/sep/17/occupy-wall-street-99-percent>>. Acesso em: 05 mai. 2017.

WELLS, Matt. **Police crack down on 'Occupy Wall Street' protests: New York police accused of heavy-handed tactics as 80 anti-capitalist protesters on 'Occupy Wall Street' march are arrested.** 2011. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/blog/2011/sep/25/occupywallstreet-occupy-wall-street-protests>>. Acesso em: 24 set. 2017.

WEST, Paul; BUREAU, Washington. **Is Occupy Wall Street a tea party for Democrats?** 2011. Disponível em: <<http://www.latimes.com/nation/la-na-occupy-political-20111007-story.html>>. Acesso em: 04 maio 2018.

WESTERVELT, Eric. **Occupy Activist Micah White: Time To Move Beyond Memes And Street Spectacles.** 2017. Disponível em: <<https://www.npr.org/2017/03/28/520911740/occupy-activist-micah-white-time-to-move-beyond-memes-and-street-spectacles>>. Acesso em: 04 maio 2018.

WHITE, Micah; LASN, Kalle. **The call to occupy Wall Street resonates around the world.** 2011. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/cifamerica/2011/sep/19/occupy-wall-street-financial-system>>. Acesso em: 11 abr. 2018.

WHITE, Micah. **Micah White, PhD.** Disponível em: <<https://www.micahmwhite.com/>>. Acesso em: 05 maio 2018.

WHITE, Micah. **Occupy and Black Lives Matter failed. We can either win wars or win elections.** 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2017/aug/29/why-are-our-protests-failing-and-how-can-we-achieve-social-change-today>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

WIRES, Npr Staff And. **Occupy Wall Street Inspires Worldwide Protests.** 2011. Disponível em: <<http://www.npr.org/2011/10/15/141382468/occupy-wall-street-inspires-worldwide-protests>>. Acesso em: 28 set. 2017.

WOLMAN, David. **The Digital Road to Egypt's Revolution.** 2012. Disponível em: <<http://archive.nytimes.com/www.nytimes.com/interactive/2012/02/12/opinion/sunday/20120212-tahir-timeline.html>>. Acesso em: 04 abr. 2018.

WOLF, Naomi. **Revealed: how the FBI coordinated the crackdown on Occupy.** 2012. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2012/dec/29/fbi-coordinated-crackdown-occupy>>. Acesso em: 07 maio 2018.

6. حركة شباب 6 أبريل. **April 6 Youth Movement.** [21-]. Disponível em: <<https://shabab6april.wordpress.com/about/shabab-6-april-youth-movement-about-us-in-english/>>. Acesso em: 30 maio 2018.